



## **Maternidade e Pesquisa no meio da pandemia: Experiências de mulheres indígenas Universitárias**

**Trabalho de Finalização de Curso elaborado por:**

Adriele Alves da Rocha  
Etnia Pataxó  
Aldeia Indígena Córrego da Cassiana (Bahia)

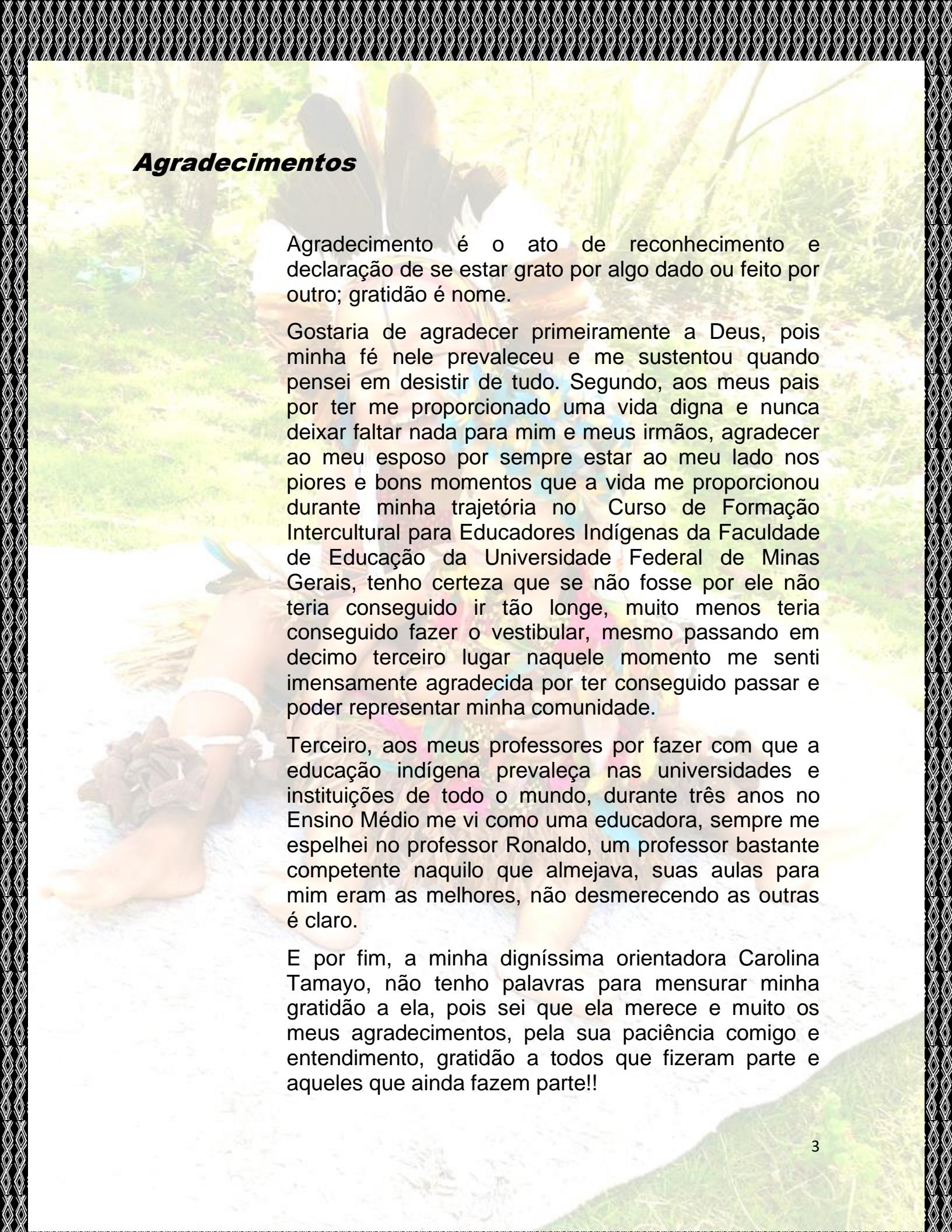
**Orientadora:**

Profa. Dra. Carolina Tamayo Osorio

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA**  
**EDUCADORES INDÍGENAS**  
**HABILITAÇÃO EM MATEMÁTICA**  
**Belo Horizonte**  
**2023**



*Agradeço a Deus, aos meus pais, professores de escola e da UFMG, minha orientadora Carolina Tamayo que me ajudou bastante no meu percurso, por fim, meu esposo que também faz parte da minha vida*



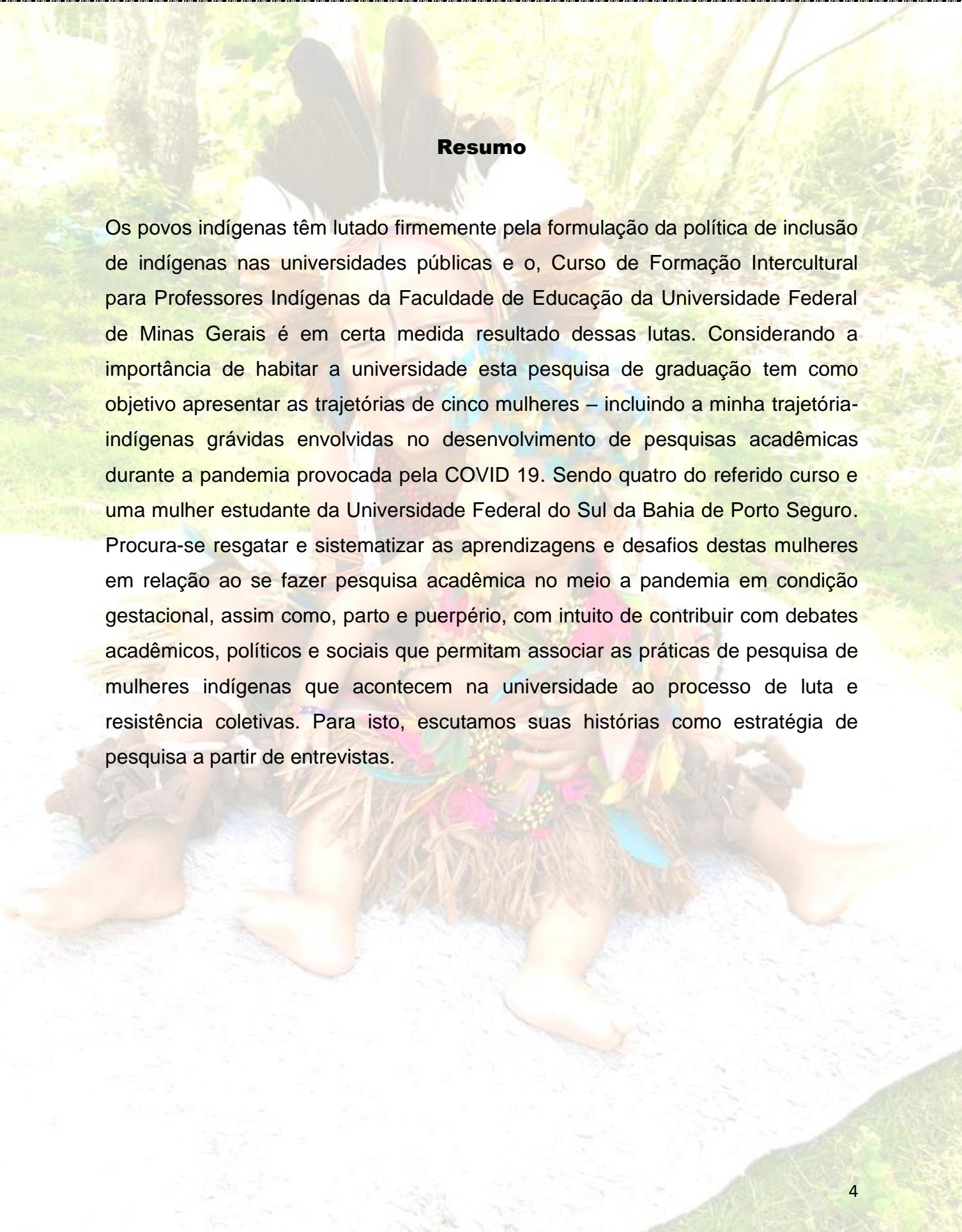
## **Agradecimentos**

Agradecimento é o ato de reconhecimento e declaração de se estar grato por algo dado ou feito por outro; gratidão é nome.

Gostaria de agradecer primeiramente a Deus, pois minha fé nele prevaleceu e me sustentou quando pensei em desistir de tudo. Segundo, aos meus pais por ter me proporcionado uma vida digna e nunca deixar faltar nada para mim e meus irmãos, agradecer ao meu esposo por sempre estar ao meu lado nos piores e bons momentos que a vida me proporcionou durante minha trajetória no Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, tenho certeza que se não fosse por ele não teria conseguido ir tão longe, muito menos teria conseguido fazer o vestibular, mesmo passando em décimo terceiro lugar naquele momento me senti imensamente agradecida por ter conseguido passar e poder representar minha comunidade.

Terceiro, aos meus professores por fazer com que a educação indígena prevaleça nas universidades e instituições de todo o mundo, durante três anos no Ensino Médio me vi como uma educadora, sempre me espelhei no professor Ronaldo, um professor bastante competente naquilo que almejava, suas aulas para mim eram as melhores, não desmerecendo as outras é claro.

E por fim, a minha digníssima orientadora Carolina Tamayo, não tenho palavras para mensurar minha gratidão a ela, pois sei que ela merece e muito os meus agradecimentos, pela sua paciência comigo e entendimento, gratidão a todos que fizeram parte e aqueles que ainda fazem parte!!



## Resumo

Os povos indígenas têm lutado firmemente pela formulação da política de inclusão de indígenas nas universidades públicas e o, Curso de Formação Intercultural para Professores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais é em certa medida resultado dessas lutas. Considerando a importância de habitar a universidade esta pesquisa de graduação tem como objetivo apresentar as trajetórias de cinco mulheres – incluindo a minha trajetória-indígenas grávidas envolvidas no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas durante a pandemia provocada pela COVID 19. Sendo quatro do referido curso e uma mulher estudante da Universidade Federal do Sul da Bahia de Porto Seguro. Procura-se resgatar e sistematizar as aprendizagens e desafios destas mulheres em relação ao se fazer pesquisa acadêmica no meio a pandemia em condição gestacional, assim como, parto e puerpério, com intuito de contribuir com debates acadêmicos, políticos e sociais que permitam associar as práticas de pesquisa de mulheres indígenas que acontecem na universidade ao processo de luta e resistência coletivas. Para isto, escutamos suas histórias como estratégia de pesquisa a partir de entrevistas.

# Sumário

<b>Apresentação da pesquisa</b> .....	6
<b>Memorial</b> .....	11
<b>Trajetória de uma pesquisadora indígena na pandemia</b> .....	17
3.1. COVID 19 e as mulheres indígenas em estado de gravidez.....	22
<b>Gravidez e Pesquisa: trajetórias de mulheres indígenas universitárias</b> ...	26
4.1 TRAJETORIA ESTEFÂNIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA .....	27
4.2. TRAJETORIA LÉIA GOMES DE ARAÚJO .....	31
4.3. TRAJETORIA RURIANA ALVES BRAZ.....	35
4.4. TRAJETÓRIA SHAYRES MONTEIRO FERREIRA .....	40
4.5. TRAJETÓRIA DE ADRIELE ALVES DA ROCHA .....	42
<b>Fechamento</b> .....	46

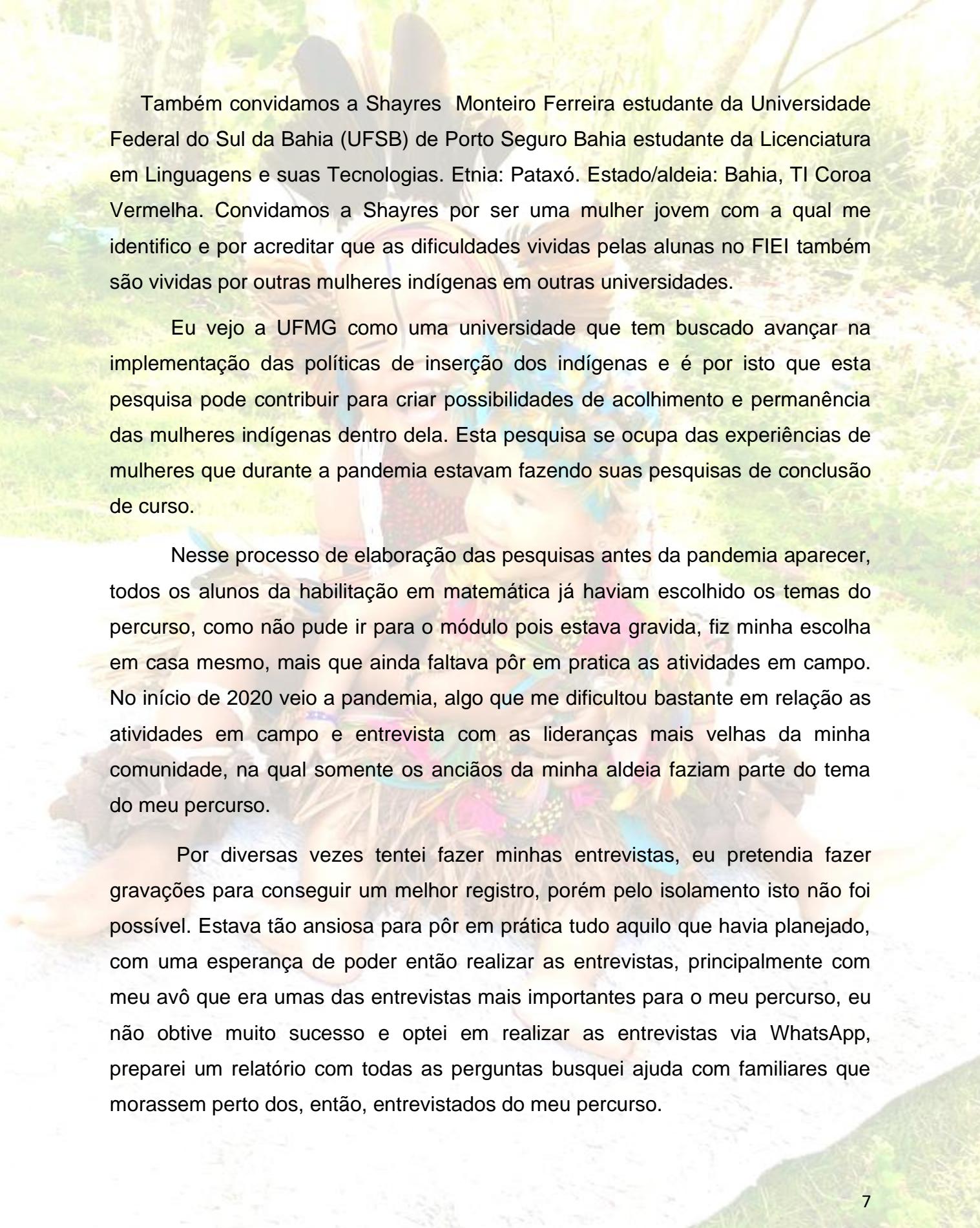


# Capítulo I

## Apresentação da pesquisa

Esta pesquisa de graduação foi desenvolvida com o objetivo de dar visibilidade as mulheres indígenas que passaram pela universidade como estudantes, para isto, convidamos as seguintes mulheres que foram estudantes do Curso de Formação Intercultural para Professores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais para contarem suas histórias com o propósito de resgatar e sistematizar as aprendizagens e desafios delas em relação ao se fazer pesquisa acadêmica no meio a pandemia provocada pela COVID19 em condição gestacional, assim como, parto e puerpério:

1. Léia Gomes de Araújo Gonçalves  
Etnia: Xaciabá  
Estado/aldeia: Minas Gerais Município de São João das Missões
2. Estefânia da Conceição Ferreira  
Etnia: Pataxó  
Estado/aldeia: Bahia Município de Porto Seguro, TI indígena aldeia Barra Velha
3. Ruriana Alves Braz  
Etnia: Pataxó  
Estado/aldeia: Atualmente morando em Carmo da Mata no centro Oeste de Minas Gerais
4. Adriele Alves da Rocha  
Etnia: Pataxó  
Estado/aldeia: Bahia TI Barra Velha aldeia Indígena Córrego da Cassiana Município de Porto Seguro

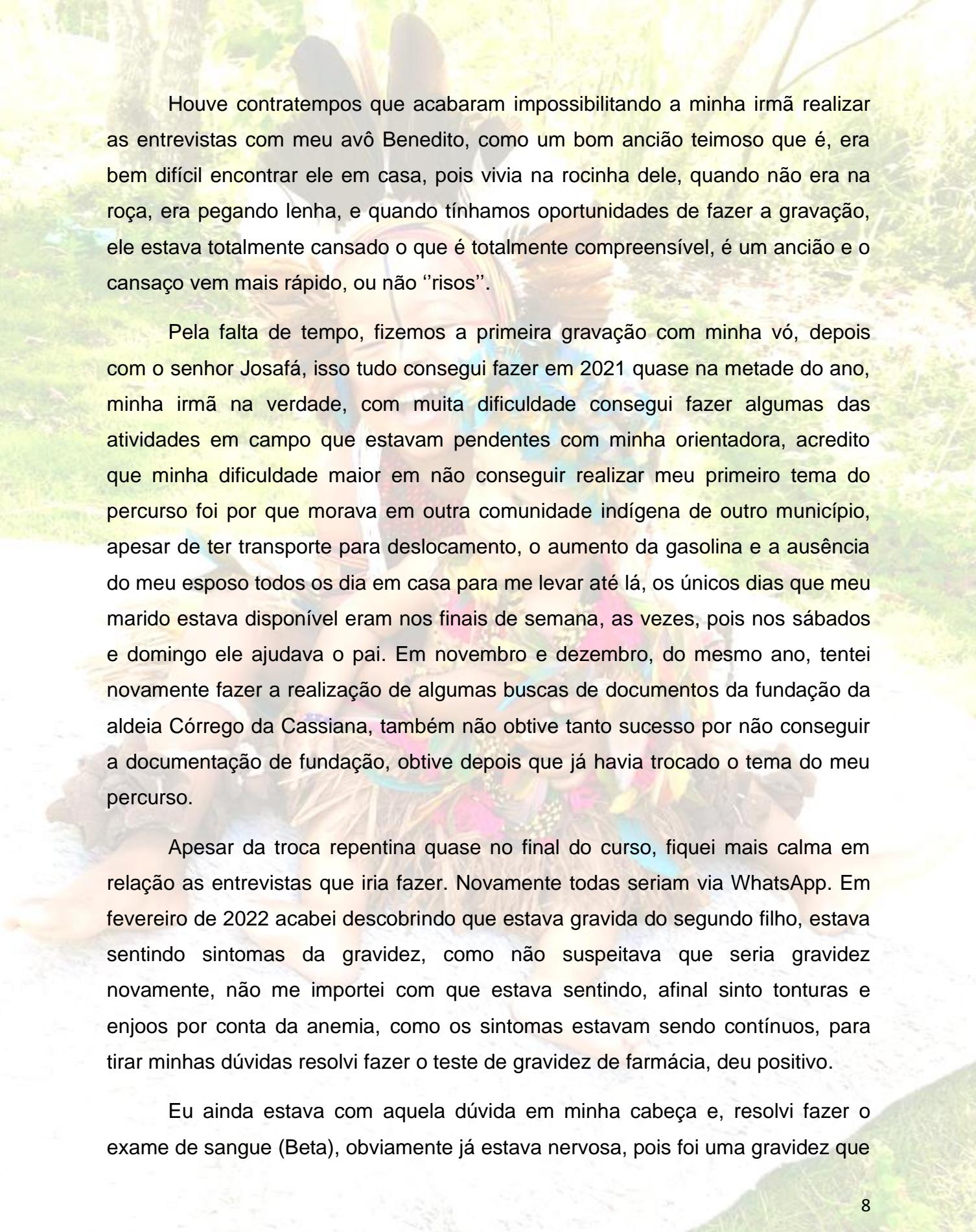


Também convidamos a Shayres Monteiro Ferreira estudante da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) de Porto Seguro Bahia estudante da Licenciatura em Linguagens e suas Tecnologias. Etnia: Pataxó. Estado/aldeia: Bahia, TI Coroa Vermelha. Convidamos a Shayres por ser uma mulher jovem com a qual me identifico e por acreditar que as dificuldades vividas pelas alunas no FIEI também são vividas por outras mulheres indígenas em outras universidades.

Eu vejo a UFMG como uma universidade que tem buscado avançar na implementação das políticas de inserção dos indígenas e é por isto que esta pesquisa pode contribuir para criar possibilidades de acolhimento e permanência das mulheres indígenas dentro dela. Esta pesquisa se ocupa das experiências de mulheres que durante a pandemia estavam fazendo suas pesquisas de conclusão de curso.

Nesse processo de elaboração das pesquisas antes da pandemia aparecer, todos os alunos da habilitação em matemática já haviam escolhido os temas do percurso, como não pude ir para o módulo pois estava grávida, fiz minha escolha em casa mesmo, mas que ainda faltava pôr em prática as atividades em campo. No início de 2020 veio a pandemia, algo que me dificultou bastante em relação as atividades em campo e entrevista com as lideranças mais velhas da minha comunidade, na qual somente os anciões da minha aldeia faziam parte do tema do meu percurso.

Por diversas vezes tentei fazer minhas entrevistas, eu pretendia fazer gravações para conseguir um melhor registro, porém pelo isolamento isto não foi possível. Estava tão ansiosa para pôr em prática tudo aquilo que havia planejado, com uma esperança de poder então realizar as entrevistas, principalmente com meu avô que era uma das entrevistas mais importantes para o meu percurso, eu não obtive muito sucesso e optei em realizar as entrevistas via WhatsApp, preparei um relatório com todas as perguntas busquei ajuda com familiares que morassem perto dos, então, entrevistados do meu percurso.



Houve contratemplos que acabaram impossibilitando a minha irmã realizar as entrevistas com meu avô Benedito, como um bom ancião teimoso que é, era bem difícil encontrar ele em casa, pois vivia na rocinha dele, quando não era na roça, era pegando lenha, e quando tínhamos oportunidades de fazer a gravação, ele estava totalmente cansado o que é totalmente compreensível, é um ancião e o cansaço vem mais rápido, ou não “risos”.

Pela falta de tempo, fizemos a primeira gravação com minha vó, depois com o senhor Josafá, isso tudo consegui fazer em 2021 quase na metade do ano, minha irmã na verdade, com muita dificuldade consegui fazer algumas das atividades em campo que estavam pendentes com minha orientadora, acredito que minha dificuldade maior em não conseguir realizar meu primeiro tema do percurso foi por que morava em outra comunidade indígena de outro município, apesar de ter transporte para deslocamento, o aumento da gasolina e a ausência do meu esposo todos os dia em casa para me levar até lá, os únicos dias que meu marido estava disponível eram nos finais de semana, as vezes, pois nos sábados e domingo ele ajudava o pai. Em novembro e dezembro, do mesmo ano, tentei novamente fazer a realização de algumas buscas de documentos da fundação da aldeia Córrego da Cassiana, também não obtive tanto sucesso por não conseguir a documentação de fundação, obtive depois que já havia trocado o tema do meu percurso.

Apesar da troca repentina quase no final do curso, fiquei mais calma em relação as entrevistas que iria fazer. Novamente todas seriam via WhatsApp. Em fevereiro de 2022 acabei descobrindo que estava grávida do segundo filho, estava sentindo sintomas da gravidez, como não suspeitava que seria gravidez novamente, não me importei com que estava sentindo, afinal sinto tonturas e enjoos por conta da anemia, como os sintomas estavam sendo contínuos, para tirar minhas dúvidas resolvi fazer o teste de gravidez de farmácia, deu positivo.

Eu ainda estava com aquela dúvida em minha cabeça e, resolvi fazer o exame de sangue (Beta), obviamente já estava nervosa, pois foi uma gravidez que

eu não estava esperando, foi planejada, ao mesmo tempo uma gravidez que nos pegou de surpresa, antes da descoberta uns 5 à 6 meses atrás já havia planejado com meu conjugue a possibilidade de sermos pais novamente, fazia vários testes por estar com sintomas, por ter anemia, sentia os sintomas que ela causa, como enjoos, náuseas e tonturas, por esse motivo havia descartado em estra gravida novamente, veio ao mundo a minha filhinha Alice.

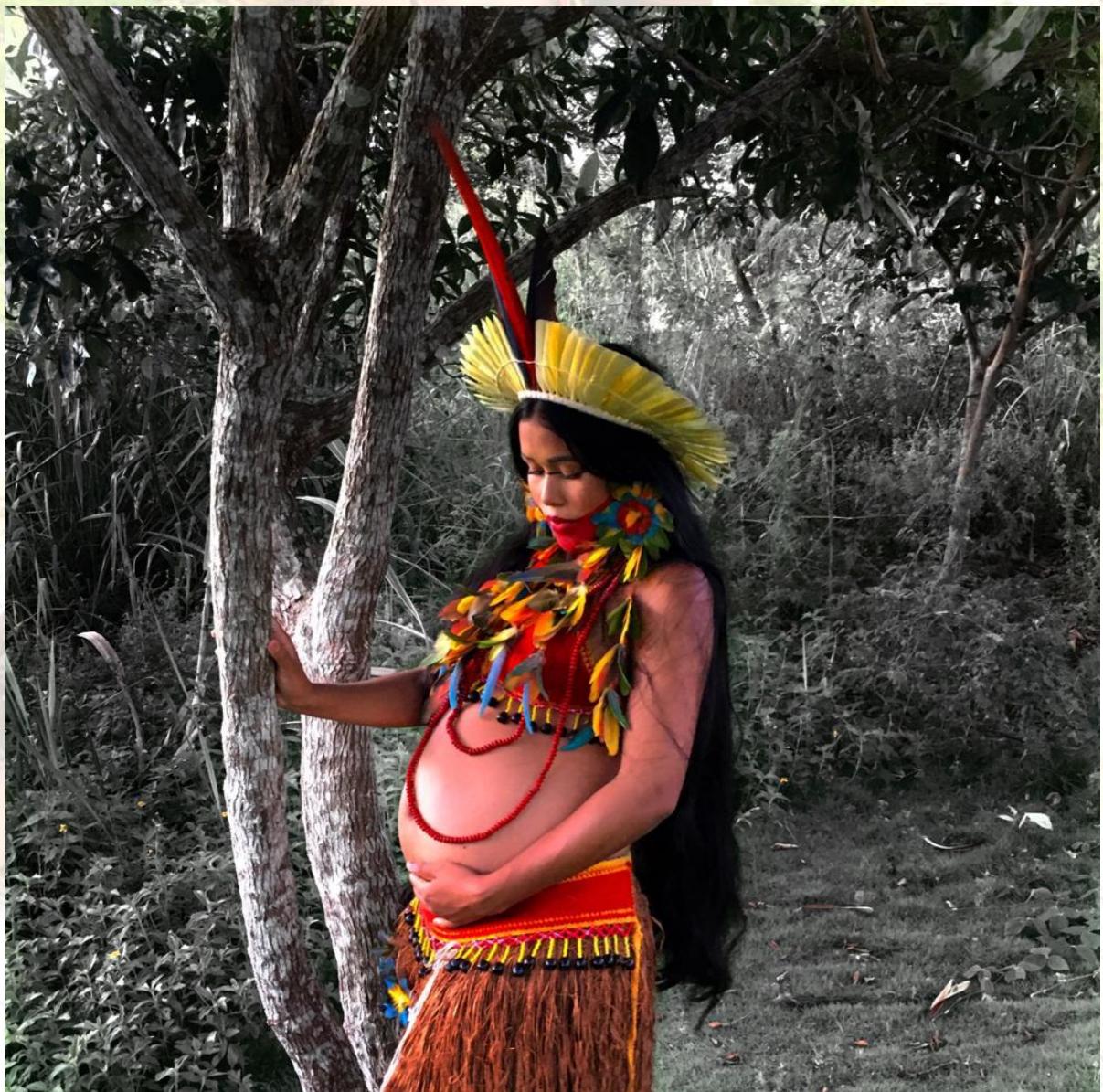
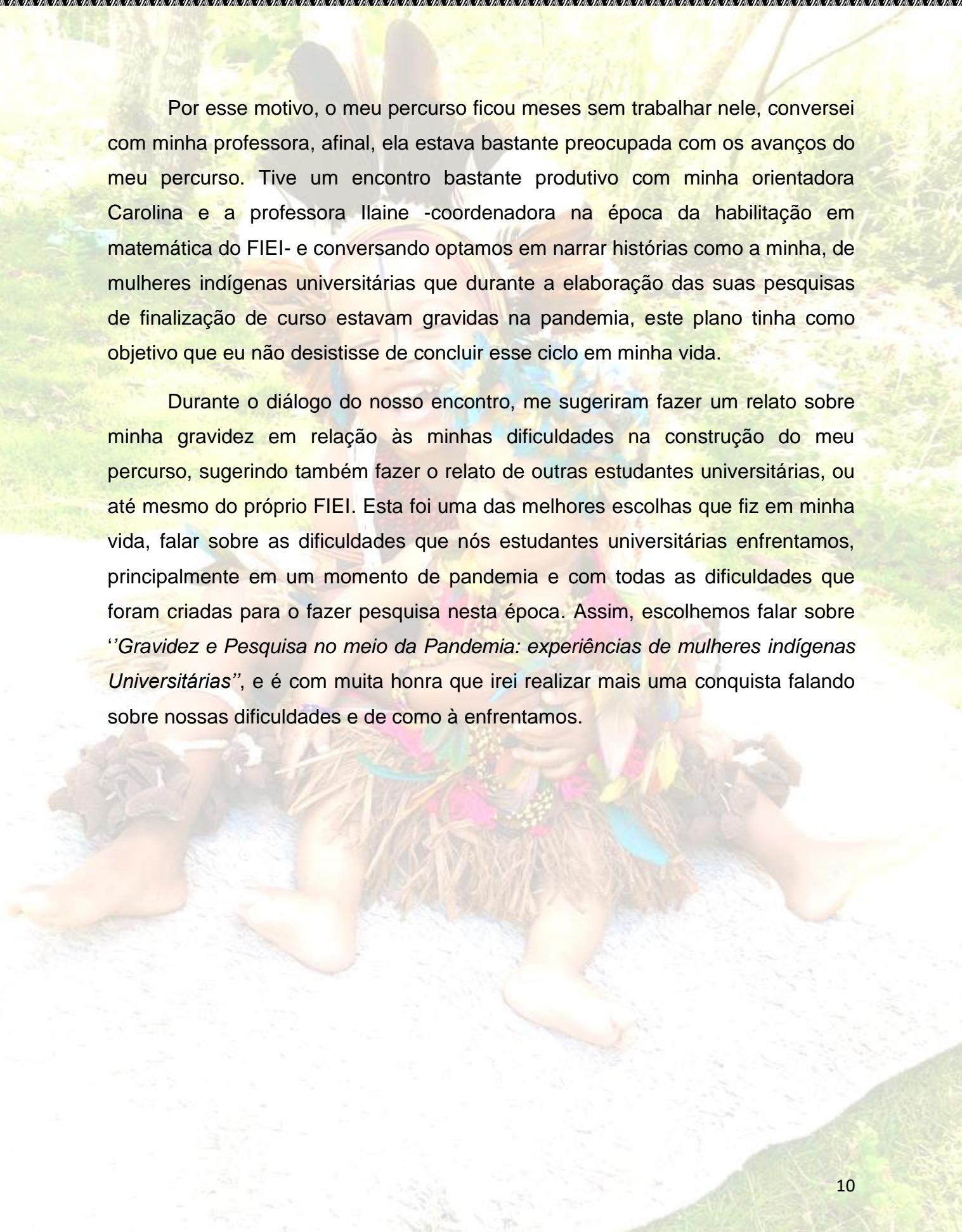


FIGURA 1: ARQUIVO PESSOAL AO SEXTO MÊS DA MINHA GESTAÇÃO



Por esse motivo, o meu percurso ficou meses sem trabalhar nele, conversei com minha professora, afinal, ela estava bastante preocupada com os avanços do meu percurso. Tive um encontro bastante produtivo com minha orientadora Carolina e a professora Ilaine -coordenadora na época da habilitação em matemática do FIEI- e conversando optamos em narrar histórias como a minha, de mulheres indígenas universitárias que durante a elaboração das suas pesquisas de finalização de curso estavam gravidas na pandemia, este plano tinha como objetivo que eu não desistisse de concluir esse ciclo em minha vida.

Durante o diálogo do nosso encontro, me sugeriram fazer um relato sobre minha gravidez em relação às minhas dificuldades na construção do meu percurso, sugerindo também fazer o relato de outras estudantes universitárias, ou até mesmo do próprio FIEI. Esta foi uma das melhores escolhas que fiz em minha vida, falar sobre as dificuldades que nós estudantes universitárias enfrentamos, principalmente em um momento de pandemia e com todas as dificuldades que foram criadas para o fazer pesquisa nesta época. Assim, escolhemos falar sobre *“Gravidez e Pesquisa no meio da Pandemia: experiências de mulheres indígenas Universitárias”*, e é com muita honra que irei realizar mais uma conquista falando sobre nossas dificuldades e de como à enfrentamos.

## Capítulo II

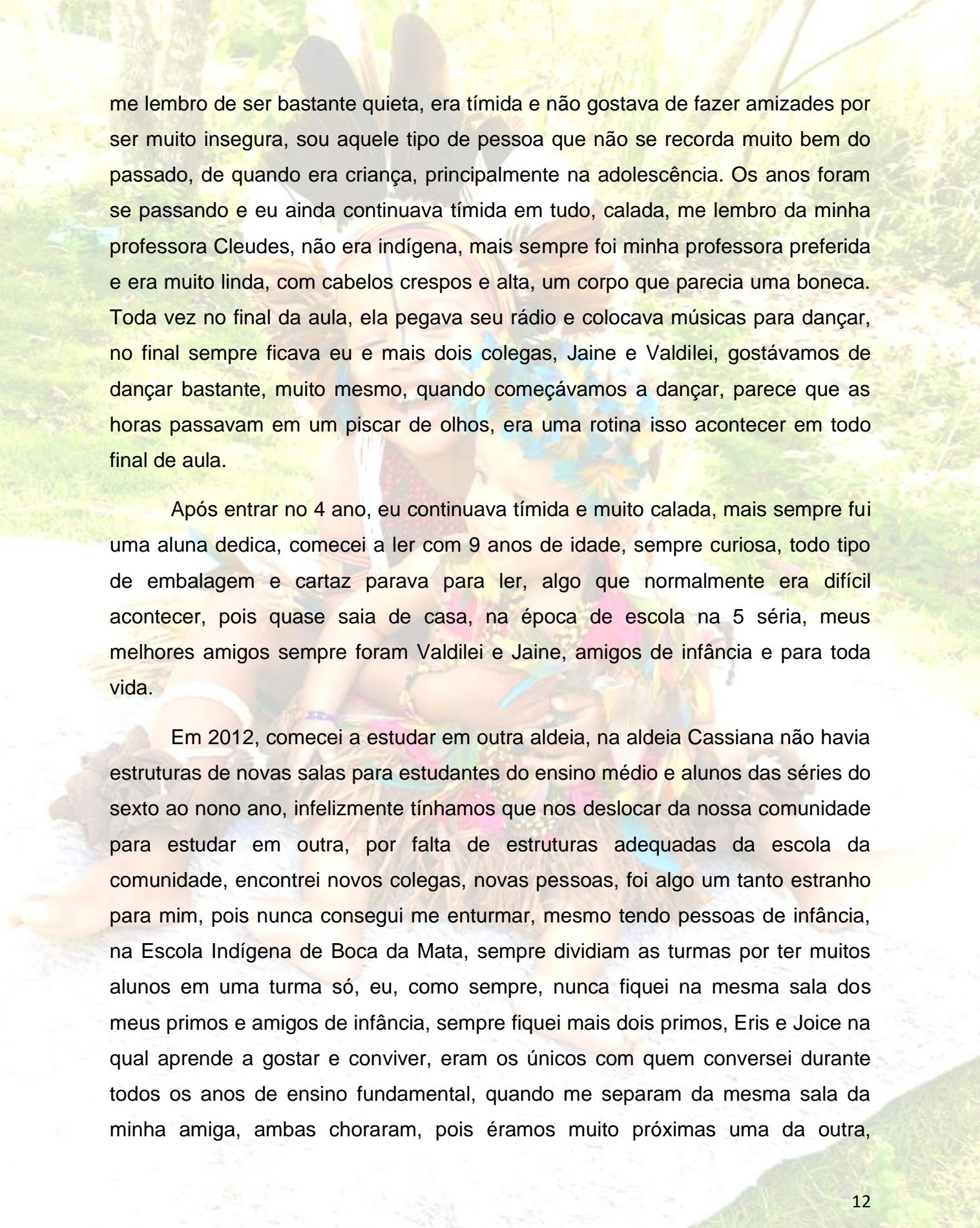
### Memorial



FIGURA 2:TIRADA NO FÓRUM DE ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS EM BRASÍLIA

Sou Adrielle Alves da Rocha, tenho 22 anos de idade, nasci no dia 10 de setembro de 1999, sou filha de Luzia Braz Alves e Agnaldo Braz da Rocha, pertencente da etnia Pataxó do Extremo sul da Bahia, resido na aldeia Trevo do Parque Município de Itamarajú BA, mas, desde pequena até os meus 18 anos de idade morei na aldeia Indígena Córrego da Cassiana Município de Porto Seguro BA, onde meus pais e familiares residem até o presente momento.

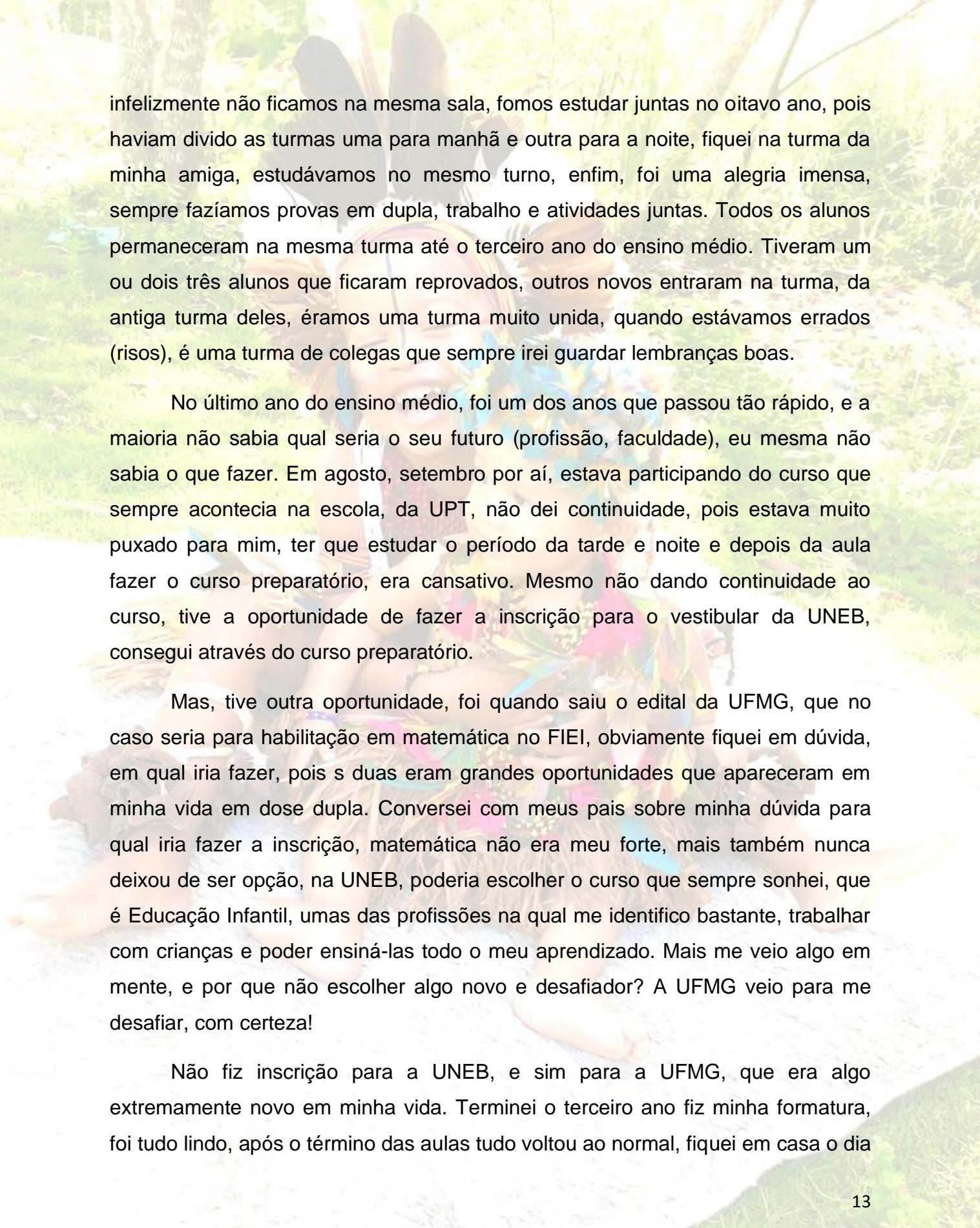
Desde criança nunca imaginei morar em outra aldeia indígena, sempre busquei permanecer na minha comunidade que nasci e cresci até então. Sempre uma menina muito quieta, desde que entrei na escola com 4 a 5 anos de idade,



me lembro de ser bastante quieta, era tímida e não gostava de fazer amizades por ser muito insegura, sou aquele tipo de pessoa que não se recorda muito bem do passado, de quando era criança, principalmente na adolescência. Os anos foram se passando e eu ainda continuava tímida em tudo, calada, me lembro da minha professora Cleudes, não era indígena, mas sempre foi minha professora preferida e era muito linda, com cabelos crespos e alta, um corpo que parecia uma boneca. Toda vez no final da aula, ela pegava seu rádio e colocava músicas para dançar, no final sempre ficava eu e mais dois colegas, Jaine e Valdilei, gostávamos de dançar bastante, muito mesmo, quando começávamos a dançar, parece que as horas passavam em um piscar de olhos, era uma rotina isso acontecer em todo final de aula.

Após entrar no 4º ano, eu continuava tímida e muito calada, mas sempre fui uma aluna dedicada, comecei a ler com 9 anos de idade, sempre curiosa, todo tipo de embalagem e cartaz parava para ler, algo que normalmente era difícil acontecer, pois quase saia de casa, na época de escola na 5ª série, meus melhores amigos sempre foram Valdilei e Jaine, amigos de infância e para toda vida.

Em 2012, comecei a estudar em outra aldeia, na aldeia Cassiana não havia estruturas de novas salas para estudantes do ensino médio e alunos das séries do sexto ao nono ano, infelizmente tínhamos que nos deslocar da nossa comunidade para estudar em outra, por falta de estruturas adequadas da escola da comunidade, encontrei novos colegas, novas pessoas, foi algo um tanto estranho para mim, pois nunca consegui me enturmar, mesmo tendo pessoas de infância, na Escola Indígena de Boca da Mata, sempre dividiam as turmas por ter muitos alunos em uma turma só, eu, como sempre, nunca fiquei na mesma sala dos meus primos e amigos de infância, sempre fiquei mais dois primos, Eris e Joice na qual aprende a gostar e conviver, eram os únicos com quem conversei durante todos os anos de ensino fundamental, quando me separam da mesma sala da minha amiga, ambas choraram, pois éramos muito próximas uma da outra,

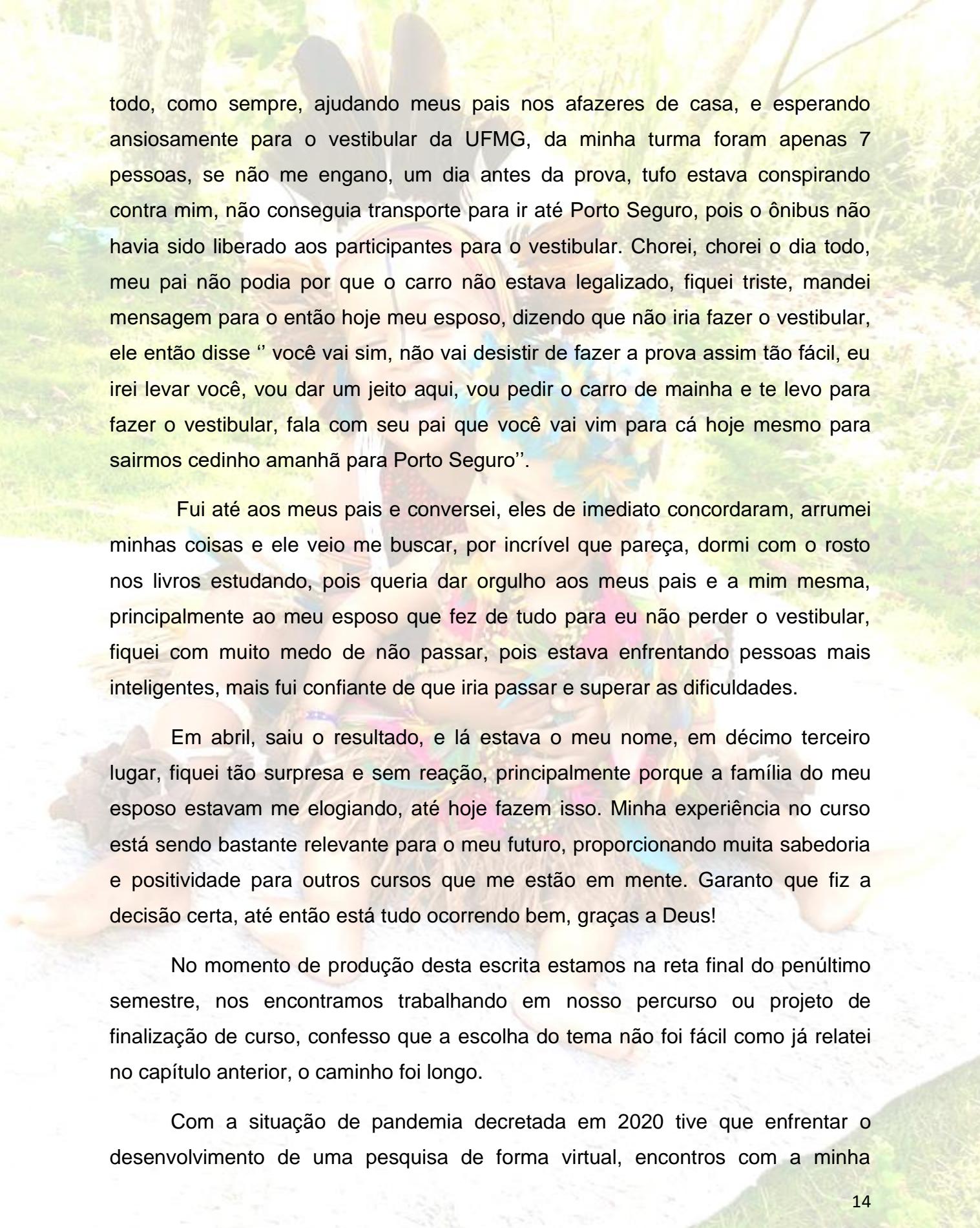


infelizmente não ficamos na mesma sala, fomos estudar juntas no oitavo ano, pois haviam divido as turmas uma para manhã e outra para a noite, fiquei na turma da minha amiga, estudávamos no mesmo turno, enfim, foi uma alegria imensa, sempre fazíamos provas em dupla, trabalho e atividades juntas. Todos os alunos permaneceram na mesma turma até o terceiro ano do ensino médio. Tiveram um ou dois três alunos que ficaram reprovados, outros novos entraram na turma, da antiga turma deles, éramos uma turma muito unida, quando estávamos errados (risos), é uma turma de colegas que sempre irei guardar lembranças boas.

No último ano do ensino médio, foi um dos anos que passou tão rápido, e a maioria não sabia qual seria o seu futuro (profissão, faculdade), eu mesma não sabia o que fazer. Em agosto, setembro por aí, estava participando do curso que sempre acontecia na escola, da UPT, não dei continuidade, pois estava muito puxado para mim, ter que estudar o período da tarde e noite e depois da aula fazer o curso preparatório, era cansativo. Mesmo não dando continuidade ao curso, tive a oportunidade de fazer a inscrição para o vestibular da UNEB, consegui através do curso preparatório.

Mas, tive outra oportunidade, foi quando saiu o edital da UFMG, que no caso seria para habilitação em matemática no FIEI, obviamente fiquei em dúvida, em qual iria fazer, pois as duas eram grandes oportunidades que apareceram em minha vida em dose dupla. Conversei com meus pais sobre minha dúvida para qual iria fazer a inscrição, matemática não era meu forte, mas também nunca deixou de ser opção, na UNEB, poderia escolher o curso que sempre sonhei, que é Educação Infantil, uma das profissões na qual me identifico bastante, trabalhar com crianças e poder ensiná-las todo o meu aprendizado. Mais me veio algo em mente, e por que não escolher algo novo e desafiador? A UFMG veio para me desafiar, com certeza!

Não fiz inscrição para a UNEB, e sim para a UFMG, que era algo extremamente novo em minha vida. Terminei o terceiro ano fiz minha formatura, foi tudo lindo, após o término das aulas tudo voltou ao normal, fiquei em casa o dia



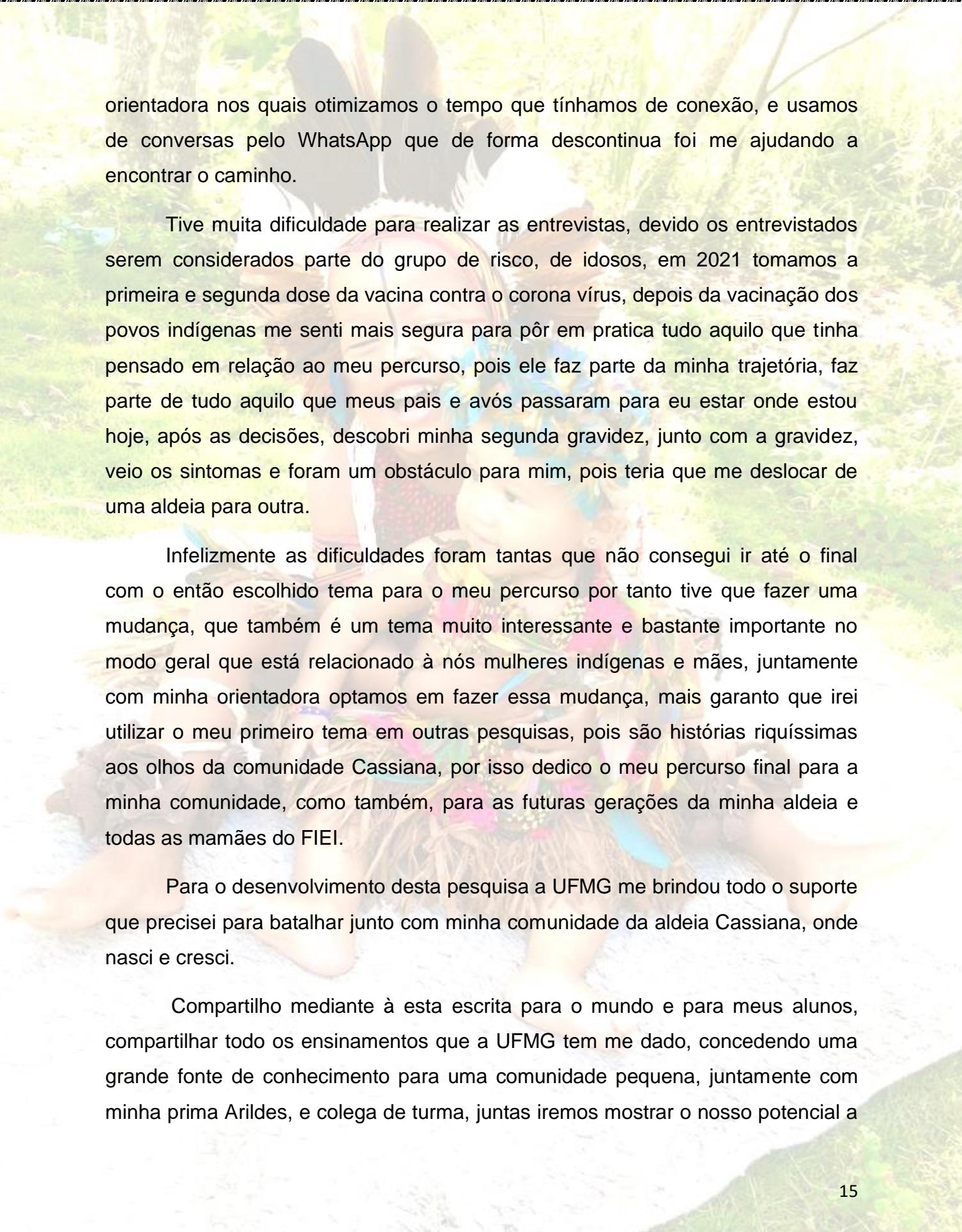
todo, como sempre, ajudando meus pais nos afazeres de casa, e esperando ansiosamente para o vestibular da UFMG, da minha turma foram apenas 7 pessoas, se não me engano, um dia antes da prova, tufo estava conspirando contra mim, não conseguia transporte para ir até Porto Seguro, pois o ônibus não havia sido liberado aos participantes para o vestibular. Chorei, chorei o dia todo, meu pai não podia por que o carro não estava legalizado, fiquei triste, mandei mensagem para o então hoje meu esposo, dizendo que não iria fazer o vestibular, ele então disse " você vai sim, não vai desistir de fazer a prova assim tão fácil, eu irei levar você, vou dar um jeito aqui, vou pedir o carro de mainha e te levo para fazer o vestibular, fala com seu pai que você vai vim para cá hoje mesmo para sairmos cedinho amanhã para Porto Seguro".

Fui até aos meus pais e conversei, eles de imediato concordaram, arrumei minhas coisas e ele veio me buscar, por incrível que pareça, dormi com o rosto nos livros estudando, pois queria dar orgulho aos meus pais e a mim mesma, principalmente ao meu esposo que fez de tudo para eu não perder o vestibular, fiquei com muito medo de não passar, pois estava enfrentando pessoas mais inteligentes, mais fui confiante de que iria passar e superar as dificuldades.

Em abril, saiu o resultado, e lá estava o meu nome, em décimo terceiro lugar, fiquei tão surpresa e sem reação, principalmente porque a família do meu esposo estavam me elogiando, até hoje fazem isso. Minha experiência no curso está sendo bastante relevante para o meu futuro, proporcionando muita sabedoria e positividade para outros cursos que me estão em mente. Garanto que fiz a decisão certa, até então está tudo ocorrendo bem, graças a Deus!

No momento de produção desta escrita estamos na reta final do penúltimo semestre, nos encontramos trabalhando em nosso percurso ou projeto de finalização de curso, confesso que a escolha do tema não foi fácil como já relatei no capítulo anterior, o caminho foi longo.

Com a situação de pandemia decretada em 2020 tive que enfrentar o desenvolvimento de uma pesquisa de forma virtual, encontros com a minha



orientadora nos quais otimizamos o tempo que tínhamos de conexão, e usamos de conversas pelo WhatsApp que de forma descontinua foi me ajudando a encontrar o caminho.

Tive muita dificuldade para realizar as entrevistas, devido os entrevistados serem considerados parte do grupo de risco, de idosos, em 2021 tomamos a primeira e segunda dose da vacina contra o corona vírus, depois da vacinação dos povos indígenas me senti mais segura para pôr em prática tudo aquilo que tinha pensado em relação ao meu percurso, pois ele faz parte da minha trajetória, faz parte de tudo aquilo que meus pais e avós passaram para eu estar onde estou hoje, após as decisões, descobri minha segunda gravidez, junto com a gravidez, veio os sintomas e foram um obstáculo para mim, pois teria que me deslocar de uma aldeia para outra.

Infelizmente as dificuldades foram tantas que não consegui ir até o final com o então escolhido tema para o meu percurso por tanto tive que fazer uma mudança, que também é um tema muito interessante e bastante importante no modo geral que está relacionado à nós mulheres indígenas e mães, juntamente com minha orientadora optamos em fazer essa mudança, mais garanto que irei utilizar o meu primeiro tema em outras pesquisas, pois são histórias riquíssimas aos olhos da comunidade Cassiana, por isso dedico o meu percurso final para a minha comunidade, como também, para as futuras gerações da minha aldeia e todas as mamães do FIEI.

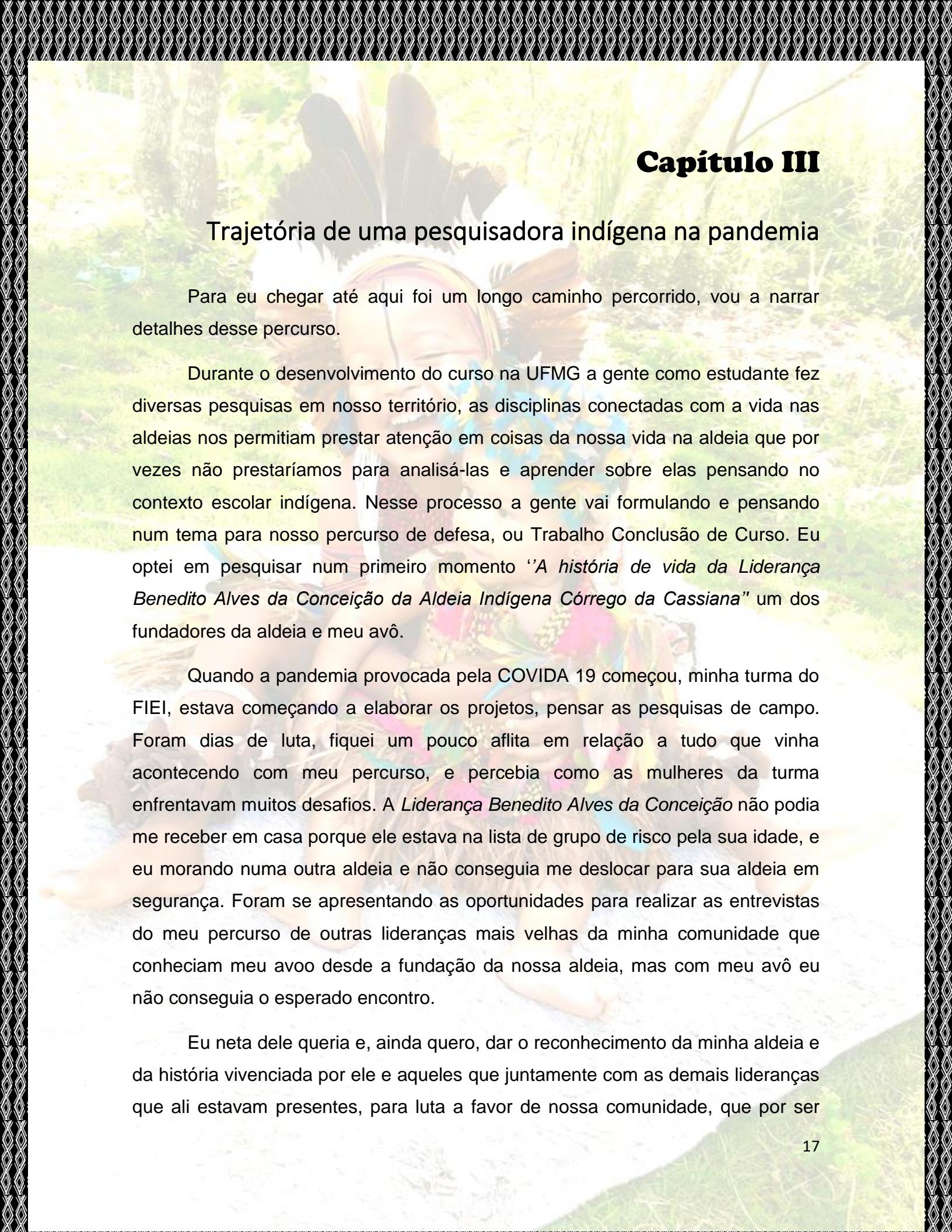
Para o desenvolvimento desta pesquisa a UFMG me brindou todo o suporte que precisei para batalhar junto com minha comunidade da aldeia Cassiana, onde nasci e cresci.

Compartilho mediante à esta escrita para o mundo e para meus alunos, compartilhar todo os ensinamentos que a UFMG tem me dado, concedendo uma grande fonte de conhecimento para uma comunidade pequena, juntamente com minha prima Arildes, e colega de turma, juntas iremos mostrar o nosso potencial a

toda nossa comunidade, mostrar que em aldeias pequenas estão escondidas fontes de conhecimentos importantes.



**FIGURA 3** ARQUIVO PESSOAL: LOHAN WÊKANÃ E ALICE SÃMEHY MEUS FILHOS



## Capítulo III

### Trajetória de uma pesquisadora indígena na pandemia

Para eu chegar até aqui foi um longo caminho percorrido, vou a narrar detalhes desse percurso.

Durante o desenvolvimento do curso na UFMG a gente como estudante fez diversas pesquisas em nosso território, as disciplinas conectadas com a vida nas aldeias nos permitiam prestar atenção em coisas da nossa vida na aldeia que por vezes não prestariam para analisá-las e aprender sobre elas pensando no contexto escolar indígena. Nesse processo a gente vai formulando e pensando num tema para nosso percurso de defesa, ou Trabalho Conclusão de Curso. Eu optei em pesquisar num primeiro momento *"A história de vida da Liderança Benedito Alves da Conceição da Aldeia Indígena Córrego da Cassiana"* um dos fundadores da aldeia e meu avô.

Quando a pandemia provocada pela COVIDA 19 começou, minha turma do FIEI, estava começando a elaborar os projetos, pensar as pesquisas de campo. Foram dias de luta, fiquei um pouco aflita em relação a tudo que vinha acontecendo com meu percurso, e percebia como as mulheres da turma enfrentavam muitos desafios. A *Liderança Benedito Alves da Conceição* não podia me receber em casa porque ele estava na lista de grupo de risco pela sua idade, e eu morando numa outra aldeia e não conseguia me deslocar para sua aldeia em segurança. Foram se apresentando as oportunidades para realizar as entrevistas do meu percurso de outras lideranças mais velhas da minha comunidade que conheciam meu avô desde a fundação da nossa aldeia, mas com meu avô eu não conseguia o esperado encontro.

Eu neta dele queria e, ainda quero, dar o reconhecimento da minha aldeia e da história vivenciada por ele e aqueles que juntamente com as demais lideranças que ali estavam presentes, para luta a favor de nossa comunidade, que por ser

pequena tem uma história de extrema importância para o futuro e para os filhos e netos da nossa geração futura.

Infelizmente não pude dar andamento ao meu primeiro percurso, até então não tive a oportunidade, como esperava, de retornar a morar na mesma aldeia, por esse motivo não obtive sucesso em relação a arquivos, e documentações que que tinha lido, mas elas me ajudaram a compreender o valor que há em contar histórias e registrá-las.



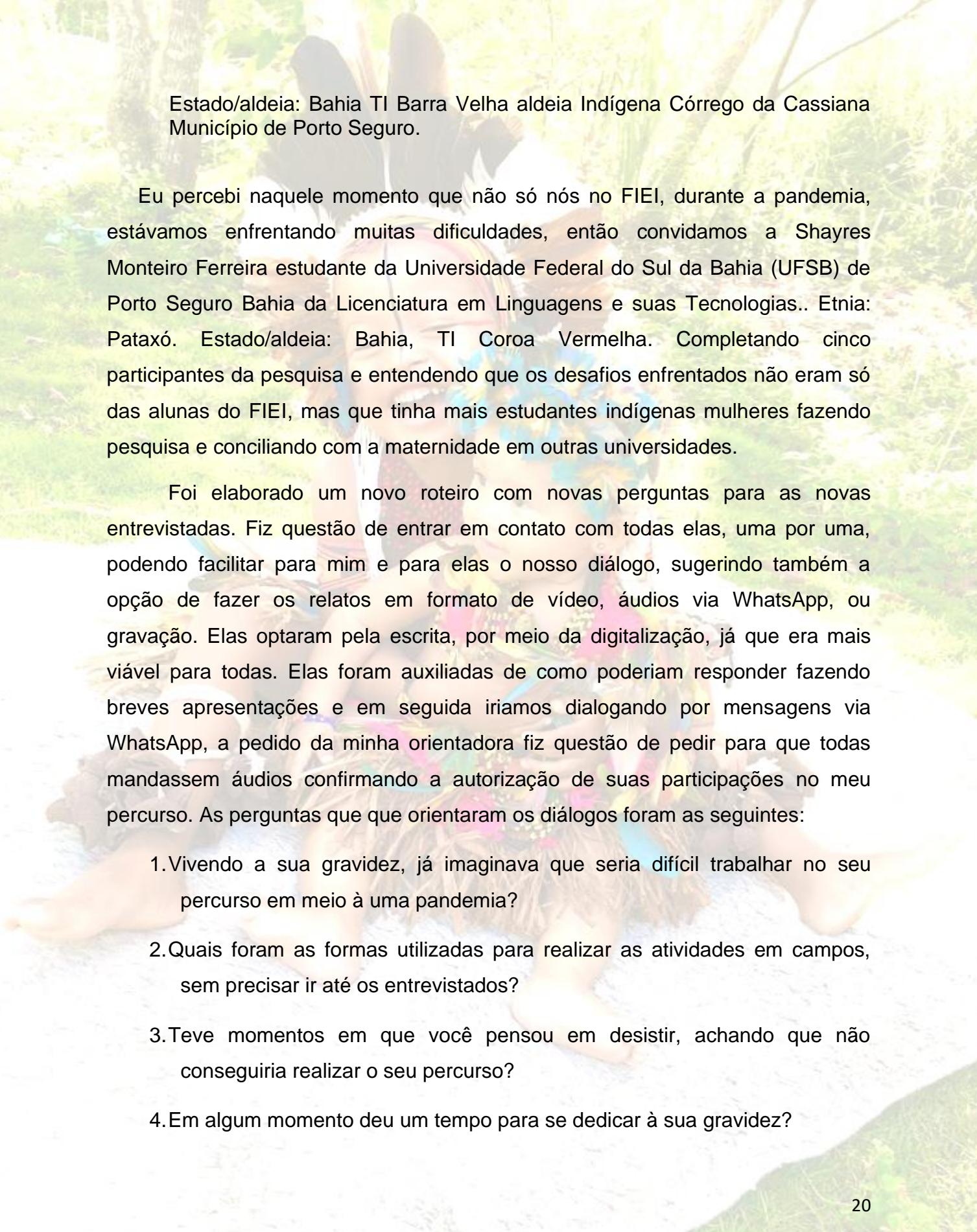
FIGURA 4: ARQUIVO PESSOAL ADRIELE



Para dar início ao meu novo tema de percurso, uma das opções que havia surgido era mudar de tema e como eu precisava mais tempo do que é previsto na legislação fizemos o trancamento minha matrícula de modo que no retorno ao curso no primeiro semestre de 2023 eu finalizaria a pesquisa e faria a defesa. Eu quase desisti de tudo, no momento, porém com apoio da minha orientadora em final do primeiro semestre de 2022 decidimos contar a minha trajetória durante o desenvolvimento da pesquisa em condição de gravidez e às minhas dificuldades na construção do meu percurso, sugerindo também fazer o relato de outras estudantes universitárias, ou até mesmo do próprio FIEI. Assim, escolhemos falar sobre “*Gravidez e Pesquisa no meio da Pandemia: experiências de mulheres indígenas Universitárias*”, de imediato fiquei muito entusiasmada com o tema que seria abordado, pois me vi nele.

Para isto desenvolvi algumas leituras e fiz diversas anotações para conseguir pensar as perguntas que faria, os pontos que poderia tratar com outras três convidadas a participar desta pesquisa, todas alunas do FIEI:

5. Léia Gomes de Araújo Gonçalves  
Etnia: Xaciabá  
Estado/aldeia: Minas Gerais Município de São João das Missões
6. Estefânia da Conceição Ferreira  
Etnia: Pataxó  
Estado/aldeia: Bahia Município de Porto Seguro, TI indígena aldeia Barra Velha
7. Ruriana Alves Braz  
Etnia: Pataxó  
Estado/aldeia: Atualmente morando em Carmo da Mata no centro Oeste de Minas Gerais
8. Adriele Alves da Rocha  
Etnia: Pataxó

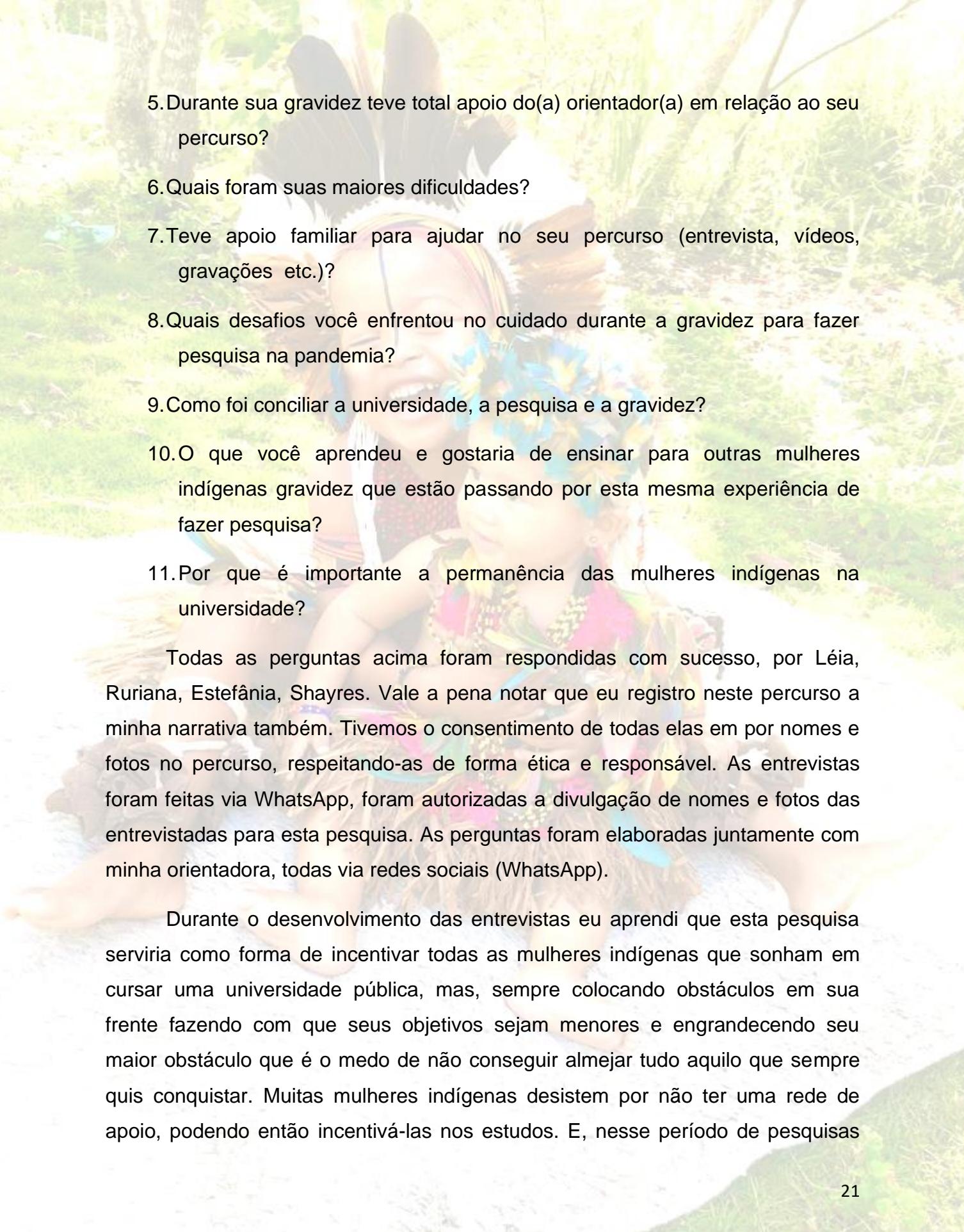


Estado/aldeia: Bahia TI Barra Velha aldeia Indígena Córrego da Cassiana  
Município de Porto Seguro.

Eu percebi naquele momento que não só nós no FIEI, durante a pandemia, estávamos enfrentando muitas dificuldades, então convidamos a Shayres Monteiro Ferreira estudante da Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB) de Porto Seguro Bahia da Licenciatura em Linguagens e suas Tecnologias.. Etnia: Pataxó. Estado/aldeia: Bahia, TI Coroa Vermelha. Completando cinco participantes da pesquisa e entendendo que os desafios enfrentados não eram só das alunas do FIEI, mas que tinha mais estudantes indígenas mulheres fazendo pesquisa e conciliando com a maternidade em outras universidades.

Foi elaborado um novo roteiro com novas perguntas para as novas entrevistadas. Fiz questão de entrar em contato com todas elas, uma por uma, podendo facilitar para mim e para elas o nosso diálogo, sugerindo também a opção de fazer os relatos em formato de vídeo, áudios via WhatsApp, ou gravação. Elas optaram pela escrita, por meio da digitalização, já que era mais viável para todas. Elas foram auxiliadas de como poderiam responder fazendo breves apresentações e em seguida iríamos dialogando por mensagens via WhatsApp, a pedido da minha orientadora fiz questão de pedir para que todas mandassem áudios confirmando a autorização de suas participações no meu percurso. As perguntas que orientaram os diálogos foram as seguintes:

1. Vivendo a sua gravidez, já imaginava que seria difícil trabalhar no seu percurso em meio à uma pandemia?
2. Quais foram as formas utilizadas para realizar as atividades em campos, sem precisar ir até os entrevistados?
3. Teve momentos em que você pensou em desistir, achando que não conseguiria realizar o seu percurso?
4. Em algum momento deu um tempo para se dedicar à sua gravidez?



5. Durante sua gravidez teve total apoio do(a) orientador(a) em relação ao seu percurso?

6. Quais foram suas maiores dificuldades?

7. Teve apoio familiar para ajudar no seu percurso (entrevista, vídeos, gravações etc.)?

8. Quais desafios você enfrentou no cuidado durante a gravidez para fazer pesquisa na pandemia?

9. Como foi conciliar a universidade, a pesquisa e a gravidez?

10. O que você aprendeu e gostaria de ensinar para outras mulheres indígenas gravidez que estão passando por esta mesma experiência de fazer pesquisa?

11. Por que é importante a permanência das mulheres indígenas na universidade?

Todas as perguntas acima foram respondidas com sucesso, por Léia, Ruriana, Estefânia, Shayres. Vale a pena notar que eu registro neste percurso a minha narrativa também. Tivemos o consentimento de todas elas em por nomes e fotos no percurso, respeitando-as de forma ética e responsável. As entrevistas foram feitas via WhatsApp, foram autorizadas a divulgação de nomes e fotos das entrevistadas para esta pesquisa. As perguntas foram elaboradas juntamente com minha orientadora, todas via redes sociais (WhatsApp).

Durante o desenvolvimento das entrevistas eu aprendi que esta pesquisa serviria como forma de incentivar todas as mulheres indígenas que sonham em cursar uma universidade pública, mas, sempre colocando obstáculos em sua frente fazendo com que seus objetivos sejam menores e engrandecendo seu maior obstáculo que é o medo de não conseguir almejar tudo aquilo que sempre quis conquistar. Muitas mulheres indígenas desistem por não ter uma rede de apoio, podendo então incentivá-las nos estudos. E, nesse período de pesquisas



vimos se afetou bastante o psicológico de mulheres que precisavam de rede de apoio, e a pandemia foi um dos fatores que surgiu uma dificuldade imensa para nós pesquisadoras. Então é preciso que contemos o que foi viver a *"Maternidade e o fazer pesquisa no meio da pandemia"*.

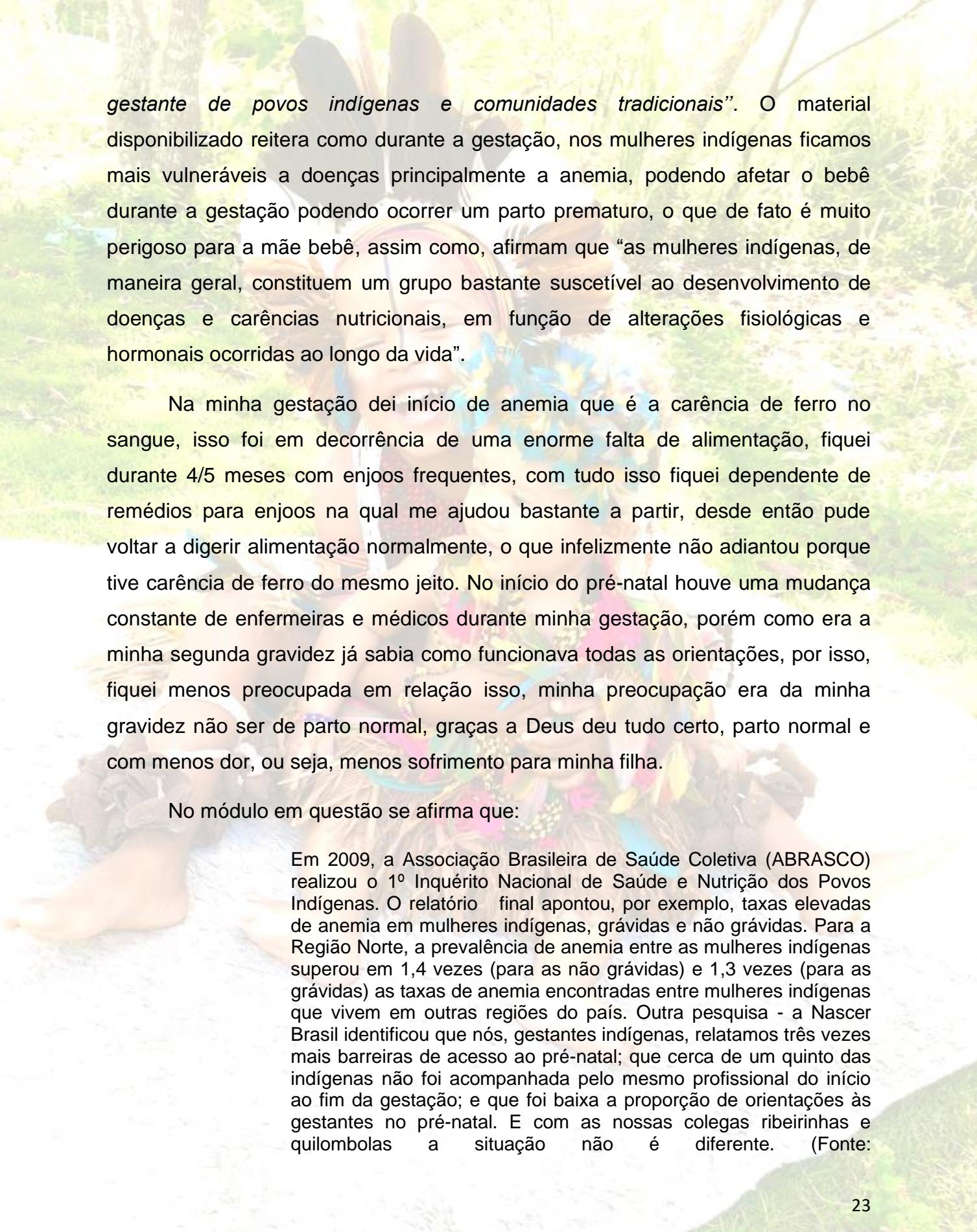
### **3.1. COVID 19 e as mulheres indígenas em estado de gravidez**

As primeiras infecções pelo novo coronavírus (Covid-19) surgiram em Whan, na China, em 8 de dezembro de 2019. Um dos primeiros casos confirmados de pessoa com o novo coronavírus no Brasil ocorreu em 26 de fevereiro de 2020, por conta de pessoas do país terem viajado para países internacionais, onde o número da Covid-19 era absurdo de alto.

No entanto, as cidades pequenas foram afetadas pouco a pouco, sendo assim, chegando nas comunidades indígenas mesmo com todos os cuidados severos dentro dos territórios, foram proibidas a entrada de pessoas não indígenas dentro das comunidades como prevenção da doença, foram limitadas as saídas para a cidade, somente em caso de urgência, as síndromes gripais foram grandes quando apareceu os primeiros casos dentro da aldeia.

Infelizmente todas as comunidades foram afetadas de todos os Territórios indígenas, inclusive vale a pena ressaltar um curso do instituto Fio Cruz que a minha orientadora me indicou para conhecer em que se falam das particularidades dos povos originários e pandemia. Neste curso há materiais muito importantes sobre a saúde da mulher indígena e os contextos em que estão inseridas. As mulheres indígenas têm sofrido muitas violências e é preciso olhar com cuidado e delicadeza para nós. Os cuidados de saúde da mulher indígena costumam estar inseridos em um contexto de coletividade e tradição.

Neste curso que pode ser visitado no seguinte link <https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/reia/gestante-covid-19/modulo2/aula2.html> pode ser encontrado um módulos cujo o tema é *"Impactos da Covid-19 na saúde de outros povos e comunidades tradicionais, Recomendações para atenção à*



*gestante de povos indígenas e comunidades tradicionais".* O material disponibilizado reitera como durante a gestação, nos mulheres indígenas ficamos mais vulneráveis a doenças principalmente a anemia, podendo afetar o bebê durante a gestação podendo ocorrer um parto prematuro, o que de fato é muito perigoso para a mãe bebê, assim como, afirmam que "as mulheres indígenas, de maneira geral, constituem um grupo bastante suscetível ao desenvolvimento de doenças e carências nutricionais, em função de alterações fisiológicas e hormonais ocorridas ao longo da vida".

Na minha gestação dei início de anemia que é a carência de ferro no sangue, isso foi em decorrência de uma enorme falta de alimentação, fiquei durante 4/5 meses com enjoos frequentes, com tudo isso fiquei dependente de remédios para enjoos na qual me ajudou bastante a partir, desde então pude voltar a digerir alimentação normalmente, o que infelizmente não adiantou porque tive carência de ferro do mesmo jeito. No início do pré-natal houve uma mudança constante de enfermeiras e médicos durante minha gestação, porém como era a minha segunda gravidez já sabia como funcionava todas as orientações, por isso, fiquei menos preocupada em relação isso, minha preocupação era da minha gravidez não ser de parto normal, graças a Deus deu tudo certo, parto normal e com menos dor, ou seja, menos sofrimento para minha filha.

No módulo em questão se afirma que:

Em 2009, a Associação Brasileira de Saúde Coletiva (ABRASCO) realizou o 1º Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas. O relatório final apontou, por exemplo, taxas elevadas de anemia em mulheres indígenas, grávidas e não grávidas. Para a Região Norte, a prevalência de anemia entre as mulheres indígenas superou em 1,4 vezes (para as não grávidas) e 1,3 vezes (para as grávidas) as taxas de anemia encontradas entre mulheres indígenas que vivem em outras regiões do país. Outra pesquisa - a Nascer Brasil identificou que nós, gestantes indígenas, relatamos três vezes mais barreiras de acesso ao pré-natal; que cerca de um quinto das indígenas não foi acompanhada pelo mesmo profissional do início ao fim da gestação; e que foi baixa a proporção de orientações às gestantes no pré-natal. E com as nossas colegas ribeirinhas e quilombolas a situação não é diferente. (Fonte:

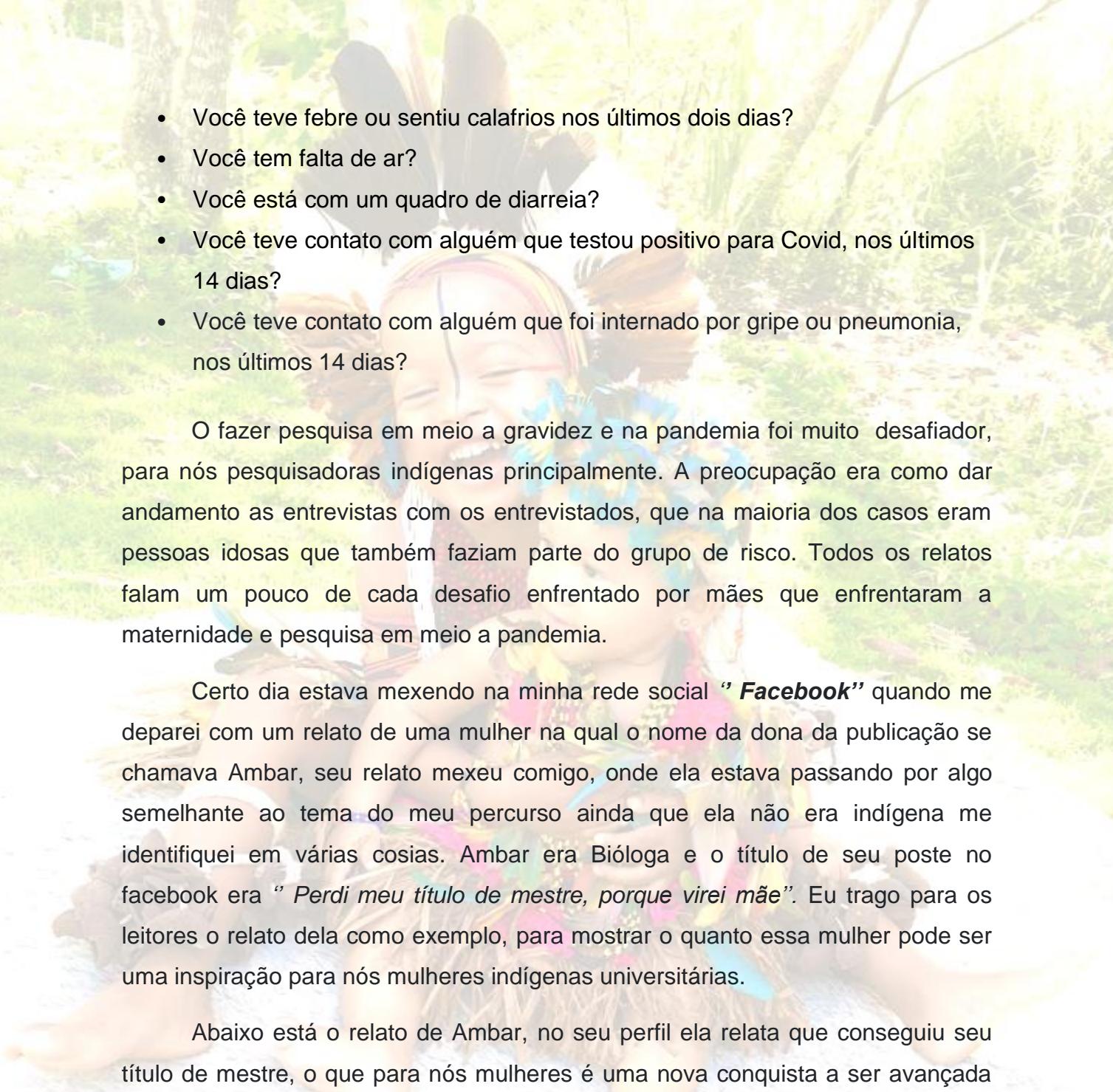
<https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/gestante-covid-19/modulo2/aula2.html> )

Este assunto é de muita importância, por isso, usei também como referência . A saúde da mulher indígena deve ser olhada com mais cautela e ser monitoradas com mais frequência na assistência básica da saúde indígena. Além do mais durante a pandemia foi necessário:

*Identificar mecanismos de transmissão e manifestações clínicas da Covid-19. identificar critérios de gravidade da Covid-19 em gestantes e puérperas, bem como apontar seus efeitos na gravidez e no recém-nascido. Recomendar ações para manutenção do pré-natal, sem comprometer a segurança de gestantes e profissionais e organizar a triagem e os fluxos para atendimento ao parto de mulheres assintomáticas e sintomáticas. Identificar sinais de tromboembolismo venoso, deterioração clínica e necessidade de intervenções. Discutir ações para prevenção da mortalidade materna por Covid-Não estava claro no início da pandemia se a gravidez em si era um fator de risco para casos graves de Covid-19. Atualmente existem evidências crescentes de que as mulheres grávidas podem ter risco aumentado de doença grave por Covid-19 em comparação com mulheres não grávidas, particularmente no terceiro trimestre e puerpério.*  
<https://mooc.campusvirtual.fiocruz.br/rea/gestante-covid-19/modulo2/aula2.html>

Outro assunto bastante importante que está dentro do tema é sobre o impacto que a covid-19 pode causar em gestantes indígenas. Casos de mulheres gestantes na pandemia eram preocupantes, pois até o momento também faziam parte do grupo de risco, pré-natal começou a ser mais prestativos com perguntas frequentes em relação a síndromes gripais, como:

- Você está com gripe?
- Você está tendo tosse?
- Seu nariz está escorrendo?
- Você está com dor de garganta?
- Você está com dor no corpo?
- Você está percebendo que não consegue sentir cheiro e o sabor/gosto das coisas?



- Você teve febre ou sentiu calafrios nos últimos dois dias?
- Você tem falta de ar?
- Você está com um quadro de diarreia?
- Você teve contato com alguém que testou positivo para Covid, nos últimos 14 dias?
- Você teve contato com alguém que foi internado por gripe ou pneumonia, nos últimos 14 dias?

O fazer pesquisa em meio a gravidez e na pandemia foi muito desafiador, para nós pesquisadoras indígenas principalmente. A preocupação era como dar andamento as entrevistas com os entrevistados, que na maioria dos casos eram pessoas idosas que também faziam parte do grupo de risco. Todos os relatos falam um pouco de cada desafio enfrentado por mães que enfrentaram a maternidade e pesquisa em meio a pandemia.

Certo dia estava mexendo na minha rede social “**Facebook**” quando me deparei com um relato de uma mulher na qual o nome da dona da publicação se chamava Ambar, seu relato mexeu comigo, onde ela estava passando por algo semelhante ao tema do meu percurso ainda que ela não era indígena me identifiquei em várias cosias. Ambar era Bióloga e o título de seu poste no facebook era “*Perdi meu título de mestre, porque virei mãe*”. Eu trago para os leitores o relato dela como exemplo, para mostrar o quanto essa mulher pode ser uma inspiração para nós mulheres indígenas universitárias.

Abaixo está o relato de Ambar, no seu perfil ela relata que conseguiu seu título de mestre, o que para nós mulheres é uma nova conquista a ser avançada depois de ter vivenciado diversos atropelos:

*“Perdi meu título de mestre, porque virei mãe.*

*Meu nome é Ambar (@ambarsol ), tenho 29 anos, sou bióloga e mãe do Caetano, de 8 meses. Gostaria de contar minha história com o intuito de pedir apoio e engajamento para uma discussão importante sobre os desafios de uma mulher-mãe-acadêmica. Engravidei do Caetano no meu último ano de mestrado na UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto), e trabalhei muito, muito mesmo pra esse mestrado. Um trabalho árduo, com muitas noites sem dormir, antes e durante a gravidez. Apresentei minha dissertação com 36 semanas de gestação - porque foi negado meu pedido de licença maternidade, já que meu filho nasceria fora do período de regência da bolsa da CAPES, fui aprovada pela banca, e após exatamente 19 dias da apresentação, meu filho nasceu.”*

*Publicado em 30 de maio de 2022 em*

<https://www.facebook.com/1561447973/posts/pfbid0XWBqagGuououJnjsDvRWLq2aCnFpXsNTf1d2GXHA81LzTjZ23SUPdKY3fPV8Y2jml/?d=n>

## Capítulo IV

### Gravidez e Pesquisa: trajetórias de mulheres indígenas universitárias

Neste capítulo eu apresento cada uma das trajetórias das quatro mulheres entrevistadas e a minha trajetória também. Entendo que estas narrativas dão conta da resistência da mulher indígena para permanecer na universidade e desenvolver pesquisa ao mesmo tempo que vive a gravidez, a maternidade e puerpério, especialmente durante a pandemia provocada pela COVID 19.

Apesar da existência do ‘*Manual de Recomendações para a Assistência à Gestante e Puérpera frente à Pandemia de Covid-19*’ (Ministério da Saúde)<sup>1</sup> vale a pena que ele não considerou contextos específicos dos lugares em que as mulheres indígenas vivem, já que foram estas particularidades as que influenciaram na vida que nós tivemos durante a pandemia e em nosso desenvolvimento das atividades de pesquisa que envolviam os cursos de graduação em que estávamos matriculadas.

A pandemia agudizou a vulnerabilidade vivenciada pelas mulheres indígenas durante a gravidez, parto e puerpério o que já indica que é preciso pensar em alternativas para diminuir as dificuldades de acesso, visando um atendimento integral à saúde e a educação.

---

<sup>1</sup> Disponível em:  
[http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/corona/manual\\_recomendacoes\\_gestantes\\_covid19.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/corona/manual_recomendacoes_gestantes_covid19.pdf)

#### 4.1 TRAJETORIA ESTEFÂNIA DA CONCEIÇÃO FERREIRA



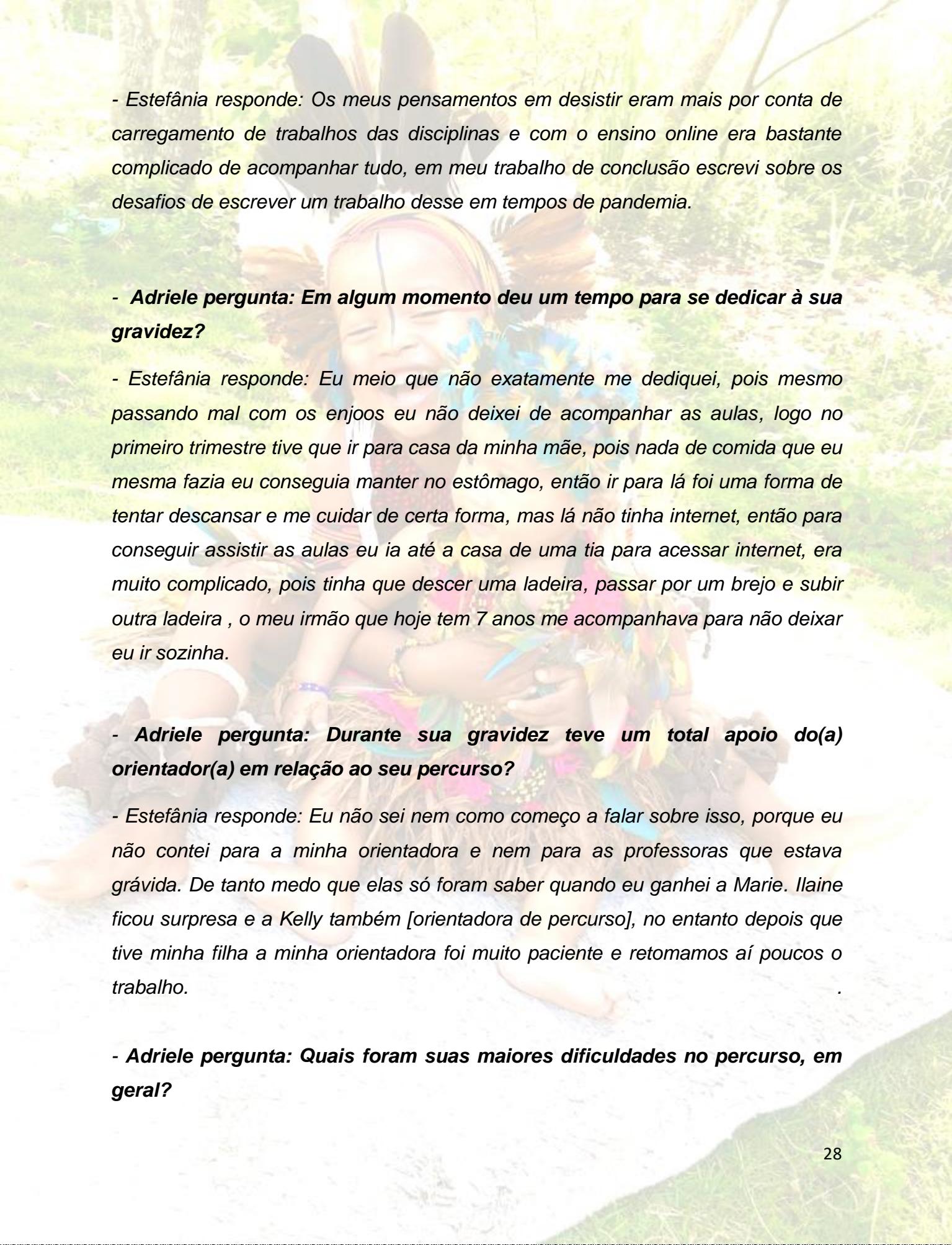
*- Adriele pergunta: Estefânia, me conte um pouco se através da sua gravidez, você já imagina que seria difícil trabalhar no seu percurso em meio a uma pandemia como a da Covid19? Primeiramente gostaria que você se apesentasse um pouco para os leitores que vão ler o meu percurso!!*

*- Eu me chamo Estefânia da Conceição Ferreira, tenho 21 anos de idade resido na aldeia mãe Barra velha, sou Pataxó, e atualmente trabalho como professora na escola indígena Pataxó Barra velha e tenho uma filha de 1 ano de idade.*

Imaginava, pois, grávidas estavam no meio do grupo de risco da covid, então todo cuidado era pouco, e com os

casos em barra velha aumentando cada vez em 2020 me levou a tomar a decisão de não fazer entrevista presenciais, comecei a desenvolver o meu trabalho de conclusão com entrevista/conversas feita por WhatsApp com o meu pai, então fazia perguntas de pontos específico contidos em meu trabalho. Além disso "sofri" bastante com enjoos o que fazia com que eu ficasse, mas em casa.

*- Adriele pergunta: Teve algum momento em que você pensou em desistir, achando que não conseguiria realizar o seu percurso, terminar?*



- **Estefânia responde:** Os meus pensamentos em desistir eram mais por conta de carregamento de trabalhos das disciplinas e com o ensino online era bastante complicado de acompanhar tudo, em meu trabalho de conclusão escrevi sobre os desafios de escrever um trabalho desse em tempos de pandemia.

- **Adriele pergunta:** *Em algum momento deu um tempo para se dedicar à sua gravidez?*

- **Estefânia responde:** Eu meio que não exatamente me dediquei, pois mesmo passando mal com os enjoos eu não deixei de acompanhar as aulas, logo no primeiro trimestre tive que ir para casa da minha mãe, pois nada de comida que eu mesma fazia eu conseguia manter no estômago, então ir para lá foi uma forma de tentar descansar e me cuidar de certa forma, mas lá não tinha internet, então para conseguir assistir as aulas eu ia até a casa de uma tia para acessar internet, era muito complicado, pois tinha que descer uma ladeira, passar por um brejo e subir outra ladeira, o meu irmão que hoje tem 7 anos me acompanhava para não deixar eu ir sozinha.

- **Adriele pergunta:** *Durante sua gravidez teve um total apoio do(a) orientador(a) em relação ao seu percurso?*

- **Estefânia responde:** Eu não sei nem como começo a falar sobre isso, porque eu não contei para a minha orientadora e nem para as professoras que estava grávida. De tanto medo que elas só foram saber quando eu ganhei a Marie. Ilaine ficou surpresa e a Kelly também [orientadora de percurso], no entanto depois que tive minha filha a minha orientadora foi muito paciente e retomamos aí poucos o trabalho.

- **Adriele pergunta:** *Quais foram suas maiores dificuldades no percurso, em geral?*



- *Estefânia responde: Transcrever as entrevistas sem dúvidas foi um grande desafio , mas a maior mesmo foi leitura dos textos que tive que fazer, poder compreender foi bastante complicado e o meu notebook também não ajudava, nessa parte tive muita dificuldade.*

- ***Adriele pergunta: Próxima pergunta.... Você teve apoio familiar para ajudar no seu percurso ( entrevista, vídeos, gravações etc.)?***

- *Estefânia responde: A minha família sempre me apoiou a fazer o registro da história da minha avó, quando eu decidi o tema eu conversei com eles para ver a opinião deles sobre isso, só após eles fazerem a avaliação deles que eu dei início a escrita do trabalho. E o meu pai foi uma peça fundamental para eu começar a escrever sobre algumas conquistas da minha avó, foi como eu falei com a impossibilidade de fazer entrevista direto com ela, eu recorri a ele e a minha mãe, que sempre me ajudou, me apoiou e tirava minhas dúvidas quando surgiam.*

- ***Adriele pergunta: Quais desafios você enfrentou no cuidado durante a gravidez para fazer pesquisa na pandemia?***

- *Estefânia responde: Os desafios estavam ligados mais a questão online mesmo, pois tornava tudo mais complicado, aí vem a gravidez uma fase delicada com um vírus que não se pode prever quem está infectado ou não, eu tinha muito medo. Antes deu ter a Marie eu engravidiei em 2019 e perdi o meu primeiro bebê, com a gravidez dela , nossa ... Eu tinha medo de pegar covid , tinha medo de perder ela, tinha medo pela saúde da minha avó, então me resguardar era a minha única saída, esperar passar um pouquinho mais era o que eu podia fazer.*

- ***Adriele pergunta: Como foi conciliar a universidade, a pesquisa e a gravidez?***



- *Estefânia responde: Foi complicado. A começar que avó teve problemas de saúde e precisou ficar um tempinho fora para fazer tratamento de saúde, depois disso começou a surgir caso positivo na aldeia, aí depois veio a minha gravidez e todos os cuidados que eu precisava ter.*

- **Adriele pergunta: Penúltima pergunta Estefânia... O que você aprendeu e gostaria de ensinar para outras mulheres indígenas grávidas que estão passando por esta mesma experiência de fazer pesquisa?**

- *Estefânia responde: Apesar de difícil não desistir é o principal, pois tudo é uma fase e a recompensa sempre chega ao final da trajetória, ver a filha (o), como uma motivação é fundamental, pois se tem um motivo a mais para conseguir chegar até o final, as lutas e dificuldade são grandes, mas batalha não há vitória, vai chegar dias que tudo estará mais pesado o cansaço chega e tudo fica mais difícil, porém dias melhores virão e passar pela dificuldade tentando visualizar a vitória é fundamental.*

- **Adriele pergunta: Essa pergunta é muito importante, certo! Por que é importante a permanência das mulheres indígenas nas universidades?**

- *Estefânia responde: É importante, porque a mulher indígena para mim é símbolo de resistência, temos que demarcar nos lugares enquanto mulheres, e mostrar que mesmo tendo filhos, mesmo sendo donas de casa, também temos os nossos sonhos de ser graduadas, mestres e doutoras, é mostrar que também somos capazes de conseguir.*

## 4.2. TRAJETORIA LÉIA GOMES DE ARAÚJO



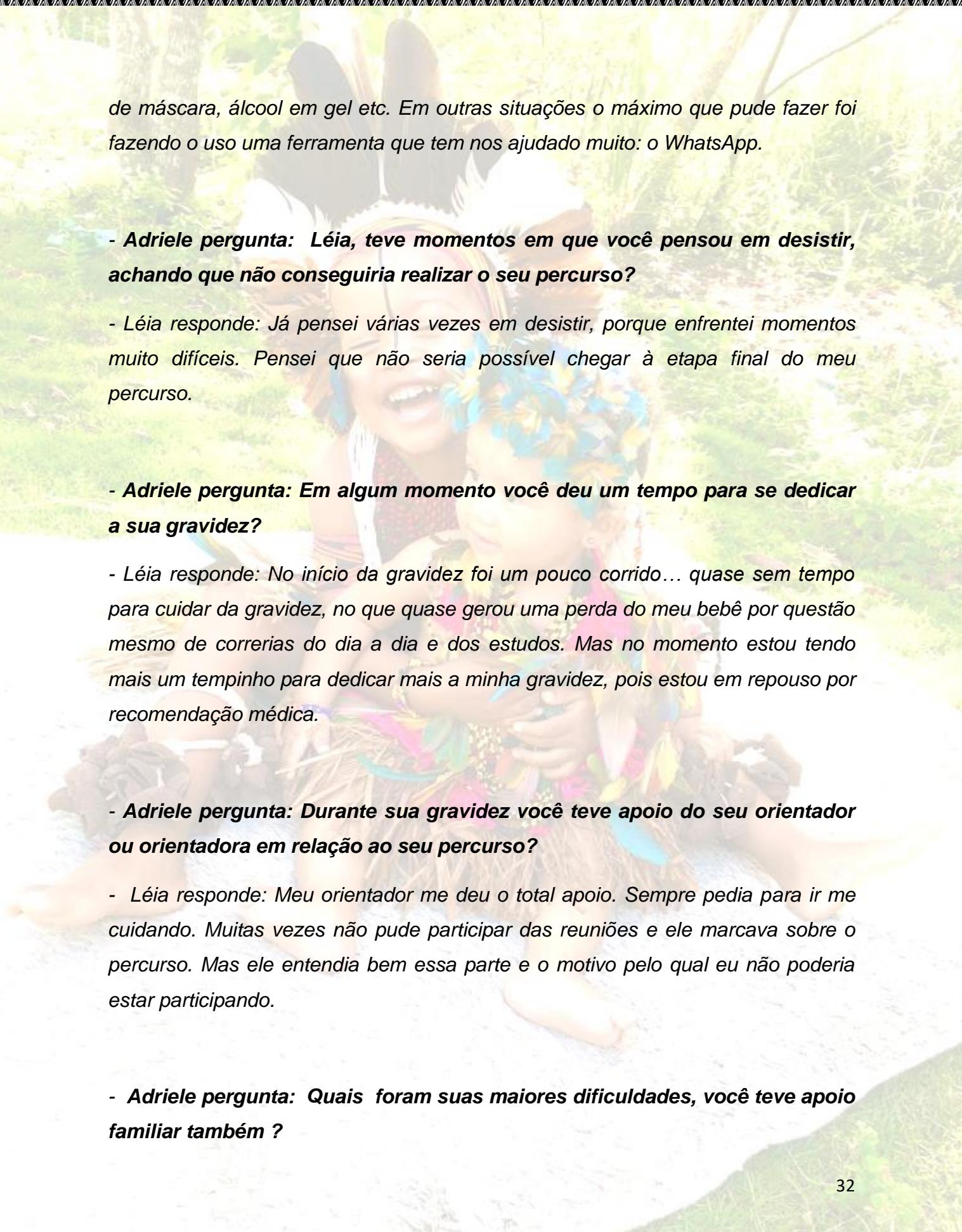
**- Adriele pergunta:** A primeira pergunta é... Através de sua gravidez, você já imaginava que seria difícil trabalhar no seu percurso em meio à uma pandemia? Se você puder, se apresente para os leitores...

*Meu nome é Léia Gonçalves, tenho 27 anos moro na aldeia Brejo Mata Fome pertencente ao povo Xakriabá, localizado em Minas Gerais município de São João das Missões.*

*começou a pandemia. E trabalhar com o percurso já não era uma tarefa fácil porque teria que deslocar da minha casa para ir em outras residências. E com a gravidez dificultou muito mais pelo fato de grávidas ser consideradas mais sensível ao vírus da covid 19. E no meu caso ainda enfrentando uma gravidez de alto risco complicou ainda mais.*

**- Adriele pergunta:** Quais foram as formas utilizadas para realizar as atividades em campo, sem precisar ir até aos seus entrevistados?

**- Léia responde:** Nesse meio tempo ainda pude ter acesso a algumas pessoas para entrevistá-las. Seguindo todo o protocolo de segurança: distanciamento, uso



*de máscara, álcool em gel etc. Em outras situações o máximo que pude fazer foi fazendo o uso uma ferramenta que tem nos ajudado muito: o WhatsApp.*

**- Adriele pergunta: Léia, teve momentos em que você pensou em desistir, achando que não conseguiria realizar o seu percurso?**

*- Léia responde: Já pensei várias vezes em desistir, porque encontrei momentos muito difíceis. Pensei que não seria possível chegar à etapa final do meu percurso.*

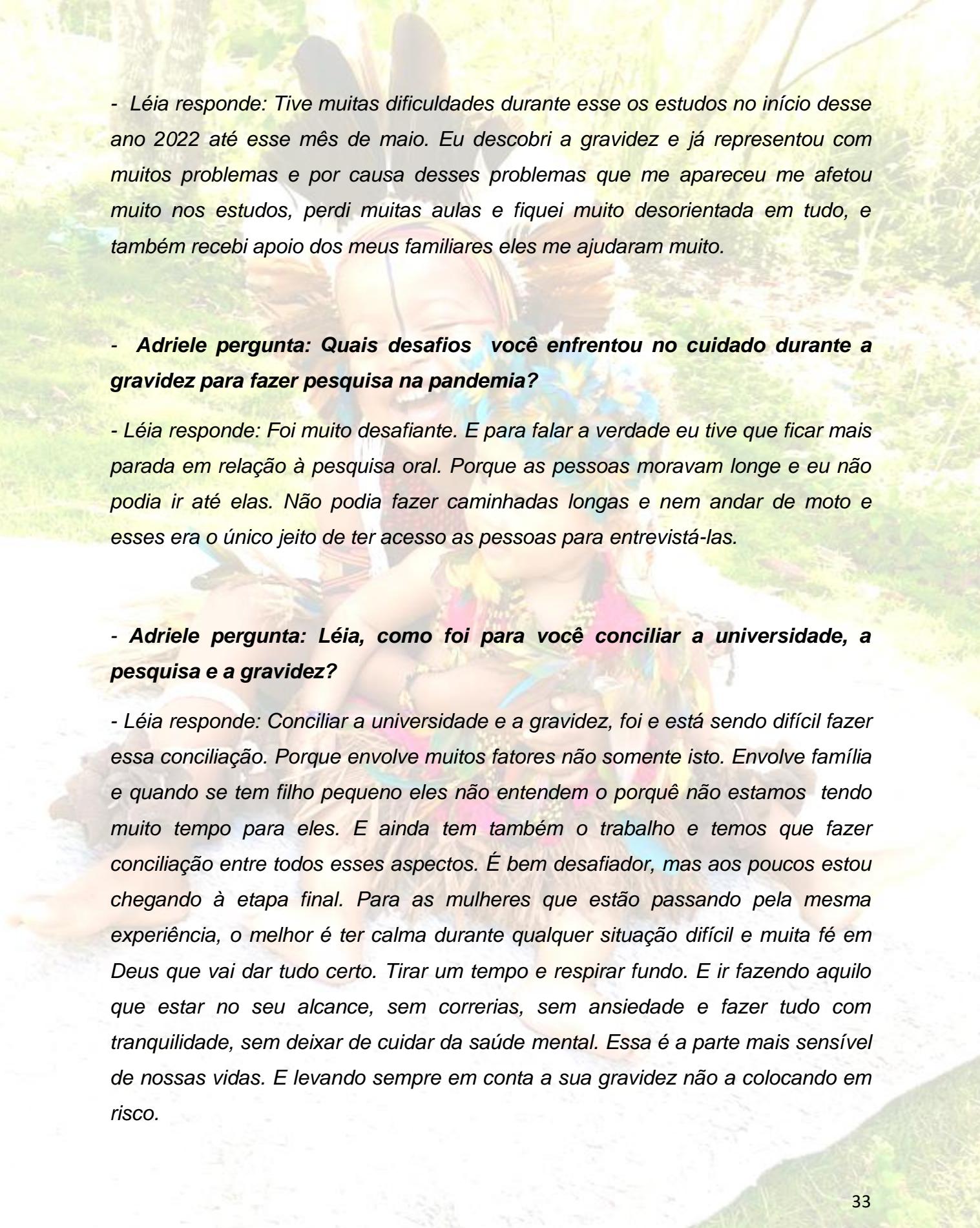
**- Adriele pergunta: Em algum momento você deu um tempo para se dedicar a sua gravidez?**

*- Léia responde: No início da gravidez foi um pouco corrido... quase sem tempo para cuidar da gravidez, no que quase gerou uma perda do meu bebê por questão mesmo de correrias do dia a dia e dos estudos. Mas no momento estou tendo mais um tempinho para dedicar mais a minha gravidez, pois estou em repouso por recomendação médica.*

**- Adriele pergunta: Durante sua gravidez você teve apoio do seu orientador ou orientadora em relação ao seu percurso?**

*- Léia responde: Meu orientador me deu o total apoio. Sempre pedia para ir me cuidando. Muitas vezes não pude participar das reuniões e ele marcava sobre o percurso. Mas ele entendia bem essa parte e o motivo pelo qual eu não poderia estar participando.*

**- Adriele pergunta: Quais foram suas maiores dificuldades, você teve apoio familiar também ?**



- Léia responde: *Tive muitas dificuldades durante esse os estudos no início desse ano 2022 até esse mês de maio. Eu descobri a gravidez e já representou com muitos problemas e por causa desses problemas que me apareceu me afetou muito nos estudos, perdi muitas aulas e fiquei muito desorientada em tudo, e também recebi apoio dos meus familiares eles me ajudaram muito.*

- **Adriele pergunta: Quais desafios você enfrentou no cuidado durante a gravidez para fazer pesquisa na pandemia?**

- Léia responde: *Foi muito desafiante. E para falar a verdade eu tive que ficar mais parada em relação à pesquisa oral. Porque as pessoas moravam longe e eu não podia ir até elas. Não podia fazer caminhadas longas e nem andar de moto e esses era o único jeito de ter acesso as pessoas para entrevistá-las.*

- **Adriele pergunta: Léia, como foi para você conciliar a universidade, a pesquisa e a gravidez?**

- Léia responde: *Conciliar a universidade e a gravidez, foi e está sendo difícil fazer essa conciliação. Porque envolve muitos fatores não somente isto. Envolve família e quando se tem filho pequeno eles não entendem o porquê não estamos tendo muito tempo para eles. E ainda tem também o trabalho e temos que fazer conciliação entre todos esses aspectos. É bem desafiador, mas aos poucos estou chegando à etapa final. Para as mulheres que estão passando pela mesma experiência, o melhor é ter calma durante qualquer situação difícil e muita fé em Deus que vai dar tudo certo. Tirar um tempo e respirar fundo. E ir fazendo aquilo que estar no seu alcance, sem correrias, sem ansiedade e fazer tudo com tranquilidade, sem deixar de cuidar da saúde mental. Essa é a parte mais sensível de nossas vidas. E levando sempre em conta a sua gravidez não a colocando em risco.*

A photograph of a woman and a child sitting on a white cloth outdoors. The woman is wearing a colorful feathered headdress and a traditional skirt made of dried palm fronds. She is smiling and looking towards the camera. The child, also wearing a similar headdress and skirt, is sitting next to her, looking slightly away. They are surrounded by greenery and trees. The image has a warm, natural feel.

*- Adriele pergunta: Para você, por que é importante a permanência das mulheres indígenas nas universidades?*

*- Léia responde: É muito importante que nós mulheres indígenas continuamos garantindo o nosso espaço nas universidades. Pois lutamos tanto por esse espaço uma vez que não tínhamos conhecimento para ocupar certos ambientes e hoje garantidos não podemos perder esse privilégio. Sendo assim mostramos cada vez mais a força da mulher indígena ao ter participação ativa na universidade.*

#### 4.3. TRAJETORIA RURIANA ALVES BRAZ



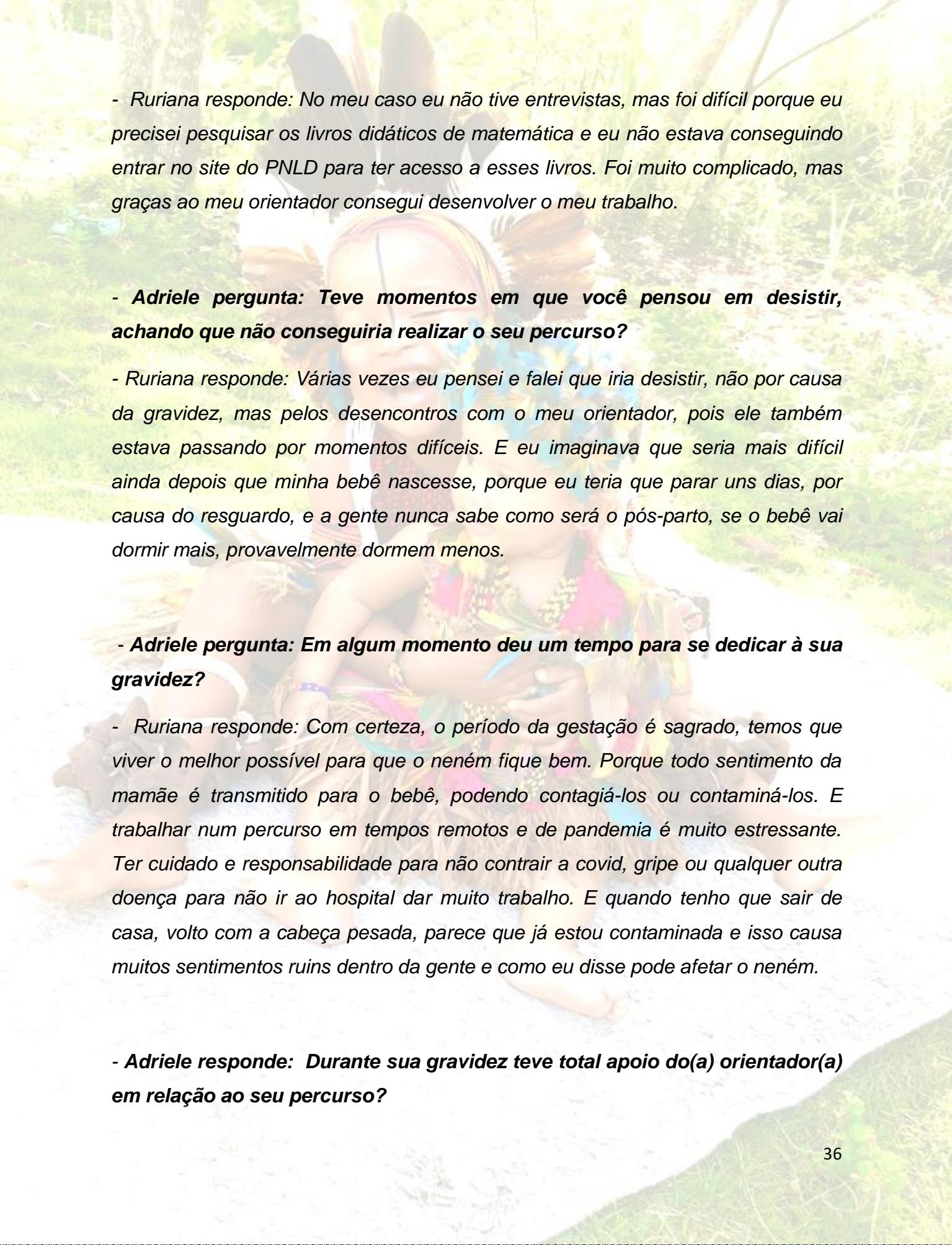
do povo Pataxó, originários da aldeia Barra Velha que se localiza no município de Porto Seguro Bahia. Atualmente estou morando em Carmo da Mata, no Centro oeste de Minas Gerais.

Através da minha gravidez, já imaginava que seria difícil trabalhar no meu percurso em meio à uma pandemia, e realmente está sendo difícil, porque a tensão aumentou, se trabalhar no percurso já difícil imagina nessas condições que estamos vivendo e sobrevivendo. Não é nada fácil você desocupar a cabeça com tanta coisa acontecendo para escrever um texto de percurso.

- **Adriele pergunta:** *Quais foram as formas utilizadas para realizar as atividades em campos, sem precisar ir até os entrevistados?*

- **Adriele pergunta:** *Ruriana, antes de fazer a pergunta, gostaria de dizer que é um prazer vocês como mulheres indígenas universitárias estar fazendo parte da minha pesquisa. Depois de fazer a pergunta e você começar a responder, primeiro se apresente, vamos lá... Através da sua gravidez, já imaginava que seria difícil trabalhar no seu percurso em meio a uma pandemia como essa?*

- **Ruriana responde:** *Me chamo Ruriana Alves Braz, pertencente*



- Ruriana responde: *No meu caso eu não tive entrevistas, mas foi difícil porque eu precisei pesquisar os livros didáticos de matemática e eu não estava conseguindo entrar no site do PNLD para ter acesso a esses livros. Foi muito complicado, mas graças ao meu orientador consegui desenvolver o meu trabalho.*

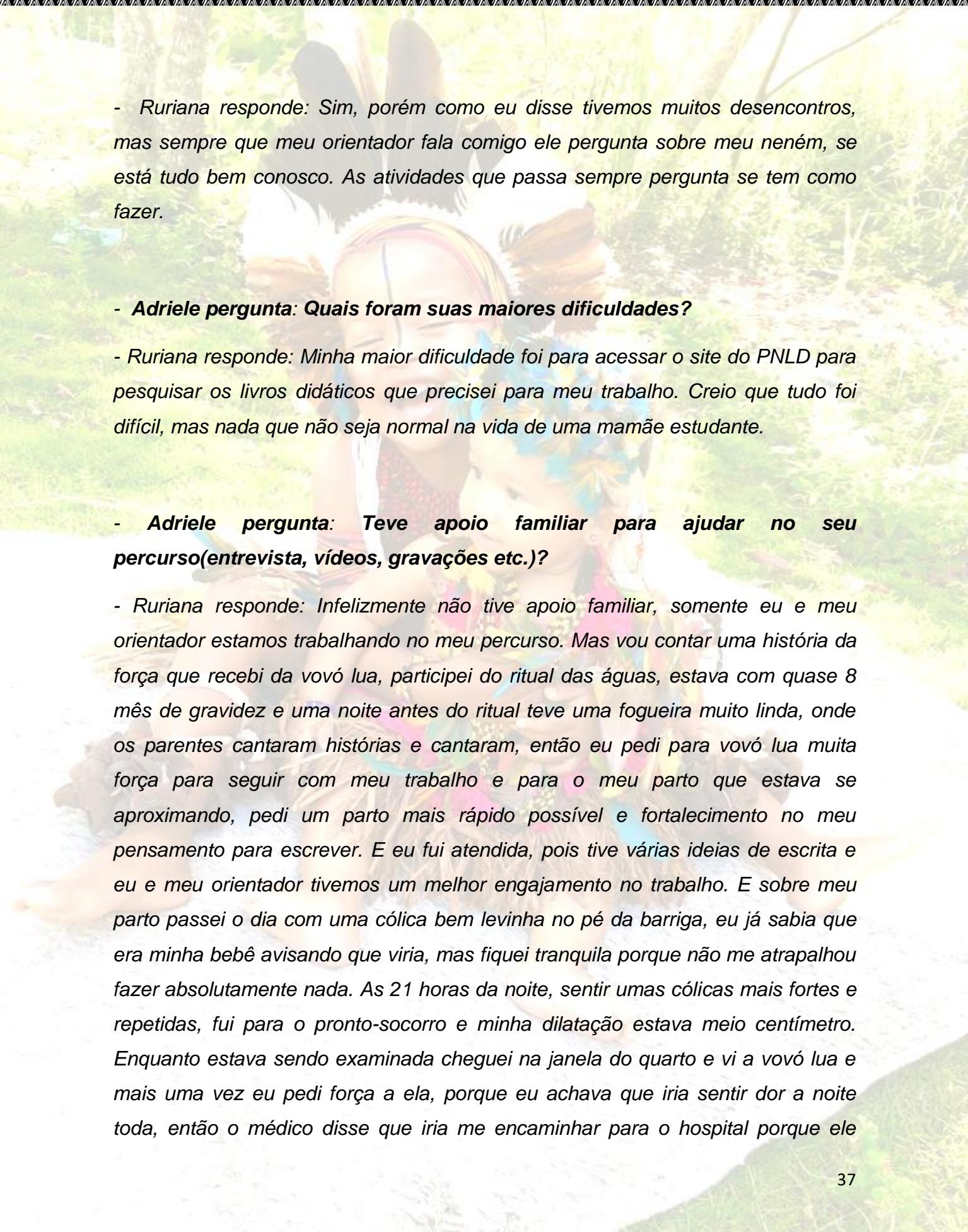
- **Adriele pergunta:** *Teve momentos em que você pensou em desistir, achando que não conseguiria realizar o seu percurso?*

- Ruriana responde: *Várias vezes eu pensei e falei que iria desistir, não por causa da gravidez, mas pelos desencontros com o meu orientador, pois ele também estava passando por momentos difíceis. E eu imaginava que seria mais difícil ainda depois que minha bebê nascesse, porque eu teria que parar uns dias, por causa do resguardo, e a gente nunca sabe como será o pós-parto, se o bebê vai dormir mais, provavelmente dormem menos.*

- **Adriele pergunta:** *Em algum momento deu um tempo para se dedicar à sua gravidez?*

- Ruriana responde: *Com certeza, o período da gestação é sagrado, temos que viver o melhor possível para que o neném fique bem. Porque todo sentimento da mamãe é transmitido para o bebê, podendo contagiá-los ou contaminá-los. E trabalhar num percurso em tempos remotos e de pandemia é muito estressante. Ter cuidado e responsabilidade para não contrair a covid, gripe ou qualquer outra doença para não ir ao hospital dar muito trabalho. E quando tenho que sair de casa, volto com a cabeça pesada, parece que já estou contaminada e isso causa muitos sentimentos ruins dentro da gente e como eu disse pode afetar o neném.*

- **Adriele responde:** *Durante sua gravidez teve total apoio do(a) orientador(a) em relação ao seu percurso?*



- Ruriana responde: *Sim, porém como eu disse tivemos muitos desencontros, mas sempre que meu orientador fala comigo ele pergunta sobre meu neném, se está tudo bem conosco. As atividades que passa sempre pergunta se tem como fazer.*

- **Adriele pergunta: Quais foram suas maiores dificuldades?**

- Ruriana responde: *Minha maior dificuldade foi para acessar o site do PNLD para pesquisar os livros didáticos que precisei para meu trabalho. Creio que tudo foi difícil, mas nada que não seja normal na vida de uma mamãe estudante.*

- **Adriele pergunta: Teve apoio familiar para ajudar no seu percurso(entrevista, vídeos, gravações etc.)?**

- Ruriana responde: *Infelizmente não tive apoio familiar, somente eu e meu orientador estamos trabalhando no meu percurso. Mas vou contar uma história da força que recebi da vovó lua, participei do ritual das águas, estava com quase 8 meses de gravidez e uma noite antes do ritual teve uma fogueira muito linda, onde os parentes cantaram histórias e cantaram, então eu pedi para vovó lua muita força para seguir com meu trabalho e para o meu parto que estava se aproximando, pedi um parto mais rápido possível e fortalecimento no meu pensamento para escrever. E eu fui atendida, pois tive várias ideias de escrita e eu e meu orientador tivemos um melhor engajamento no trabalho. E sobre meu parto passei o dia com uma cólica bem levinha no pé da barriga, eu já sabia que era minha bebê avisando que viria, mas fiquei tranquila porque não me atrapalhou fazer absolutamente nada. As 21 horas da noite, sentir umas cólicas mais fortes e repetidas, fui para o pronto-socorro e minha dilatação estava meio centímetro. Enquanto estava sendo examinada cheguei na janela do quarto e vi a vovó lua e mais uma vez eu pedi força a ela, porque eu achava que iria sentir dor a noite toda, então o médico disse que iria me encaminhar para o hospital porque ele*



*achava que eu iria dilatar de uma vez. Cheguei no hospital era em Oliveira era 22:30 da noite fui atendida e examinada novamente e tive uma notícia animada, minha dilatação estava com 6 centímetro, quando a doutora pediu para a enfermeira me levar para quarto, a minha bolsa estourou, fiquei ali só esperando minha menina e exatamente as 00:09 min ela nasceu, eu agradeci e agradeço sempre a vovó lua pois foi um parto rápido e abençoado. E o nome da minha filha é uma homenagem para a vovó lua.*

**- Adriele pergunta: Quais desafios você enfrentou no cuidado durante a gravidez para fazer pesquisa na pandemia?**

*- Rruriana responde: Um dos desafios que enfrentei foi mexer com tecnologias, como eu não tenho muito conhecimento com tecnologia, tive muitas dificuldades, mas assim mesmo construir sonho não é fácil.*

**- Adriele pergunta: Como foi conciliar a universidade, a pesquisa e a gravidez ?**

*- Ruriana responde: A nossa vida com a escola na aldeia sempre teve uma conciliação, pois as crianças participam da escola com suas mães desde a barriga, não tem separação, a escola indígena é integrada com a vida. Tudo, todos e todas fazem parte da história da escola e com a universidade não foi diferente, mesmo com as aulas remotas estamos juntos construindo nossa história, fazendo parte da Universidade e fortalecendo o nosso curso. As crianças na luta desde a barriga.*

**- Adriele pergunta: O que você aprendeu e gostaria de ensinar para outras mulheres indígenas gravidez que estão passando por esta mesma experiência de fazer pesquisa ?**



- *Ruriana responde: São tantas coisas boas que aprendemos que fica difícil de escrever aqui, porque a aprendizagem começa quando a gente conhece outros parentes e suas culturas, a aprendizagem acontece na sala de aula com as professoras e os colegas. Creio que cada mulher que está passando por essa experiência tem sua história para contar, porque as dificuldades estarão sempre presentes, mas a força de uma mulher que quer estudar é incontestável. Uma coisa que eu aprendi; se você estiver grávida e fazendo pesquisa, escreva, escreva tudo escreva muito porque depois que o neném nascer, fica mais difícil ainda.*

- **Adriele pergunta: Por que é importante a permanência das mulheres indígenas na universidade?**

- *Ruriana responde:*

A mulher indígena tem dias de luta e dias de glória  
Ela brinca, cuida, chora, sorri e faz sua história  
Onde tem a voz da mulher indígena, tem sabedoria  
Tem conhecimento, ciência e alegria  
Se a universidade tem mulher Pataxó, Maxacali, Hähähäe, Guarani, outras e  
Xaciabá  
Pode ter certeza que a força é de arrepiar  
Mulher indígena tem a força da terra  
Pode perder uma batalha, mas com sua resistência ganha a guerra  
Seu pensamento ultrapassa as fronteiras sua sabedoria é ancestral  
Seu grito pede igualdade, pede justiça...Não ao Marco Temporal  
Vamos mulher indígena demarcar nosso território na universidade  
Vamos conquistar a nossa liberdade  
Liberdade de conhecer coisas novas de estudar  
E voltar pra aldeia e nosso povo ensinar  
Vamos agora, não perca tempo vem para a UFMG  
Aqui seu poder vai florescer, sua luta vai valer a pena e seu povo você vai  
fortalecer  
Afinal somos mulheres indígenas pesquisadoras  
Viva a UFMG, a FaE, o FIEI, nossos parentes, professores e professoras.

#### 4.4. TRAJETÓRIA SHAYRES MONTEIRO FERREIRA



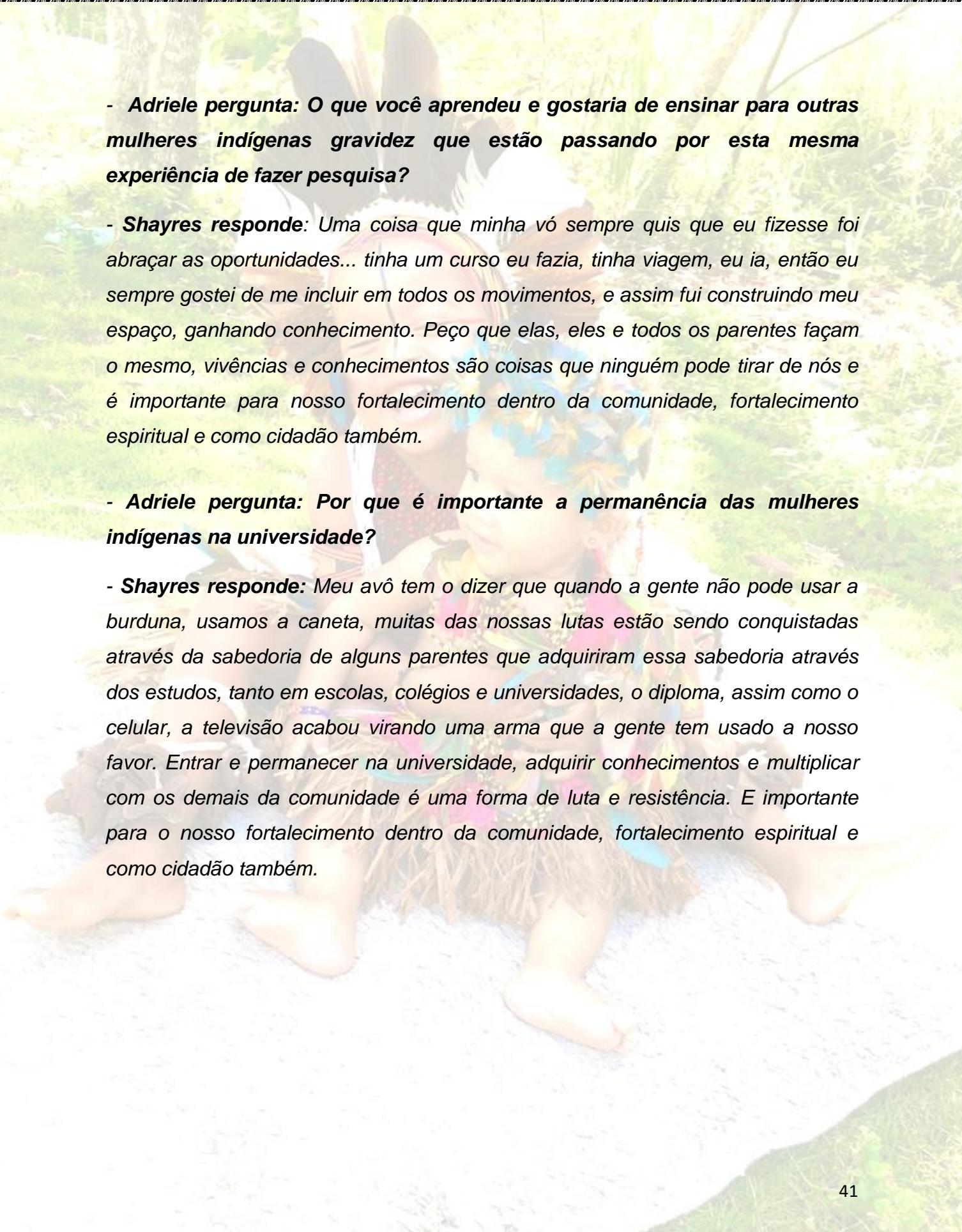
- Antes de iniciar nossa entrevista gostaria que você se apresentasse para nossos leitores do meu percurso e em seguida responder à pergunta do roteiro são apenas 4, já que ela ainda não está em fase de iniciação de defesa (Percurso). **Vamos lá! Em algum momento deu um tempo para se dedicar à sua gravidez?**

- Meu nome é Shayres, sou indígena Pataxó, mãe e agora universitária, tenho 19 anos e moro no TI Coroa Vermelha

Quando eu engravidiei estávamos na pandemia, já estava sem aulas, mas quando tive ela e as aulas retornaram, eu tive que estudar em casa, por conta do perigo de mim ou minha filha pegar covid.

- **Adriele pergunta: Quais foram suas maiores dificuldades nessa nova fase como mãe e estudante?**

- Shayres responde: Foi fazer as atividades em casa, porque era corrido, muitas vezes eu não conseguia conciliar tudo e acabava fazendo atividades de madrugada, enquanto ela dormia, para não ter que entregar em branco e acabava cansando ainda mais, ficando com sono, dores de cabeça, foi muito corrido até ela crescer um pouco mais.



- **Adriele pergunta:** *O que você aprendeu e gostaria de ensinar para outras mulheres indígenas gravidez que estão passando por esta mesma experiência de fazer pesquisa?*

- **Shayres responde:** *Uma coisa que minha vó sempre quis que eu fizesse foi abraçar as oportunidades... tinha um curso eu fazia, tinha viagem, eu ia, então eu sempre gostei de me incluir em todos os movimentos, e assim fui construindo meu espaço, ganhando conhecimento. Peço que elas, eles e todos os parentes façam o mesmo, vivências e conhecimentos são coisas que ninguém pode tirar de nós e é importante para nosso fortalecimento dentro da comunidade, fortalecimento espiritual e como cidadão também.*

- **Adriele pergunta:** *Por que é importante a permanência das mulheres indígenas na universidade?*

- **Shayres responde:** *Meu avô tem o dizer que quando a gente não pode usar a burduna, usamos a caneta, muitas das nossas lutas estão sendo conquistadas através da sabedoria de alguns parentes que adquiriram essa sabedoria através dos estudos, tanto em escolas, colégios e universidades, o diploma, assim como o celular, a televisão acabou virando uma arma que a gente tem usado a nosso favor. Entrar e permanecer na universidade, adquirir conhecimentos e multiplicar com os demais da comunidade é uma forma de luta e resistência. E importante para o nosso fortalecimento dentro da comunidade, fortalecimento espiritual e como cidadão também.*

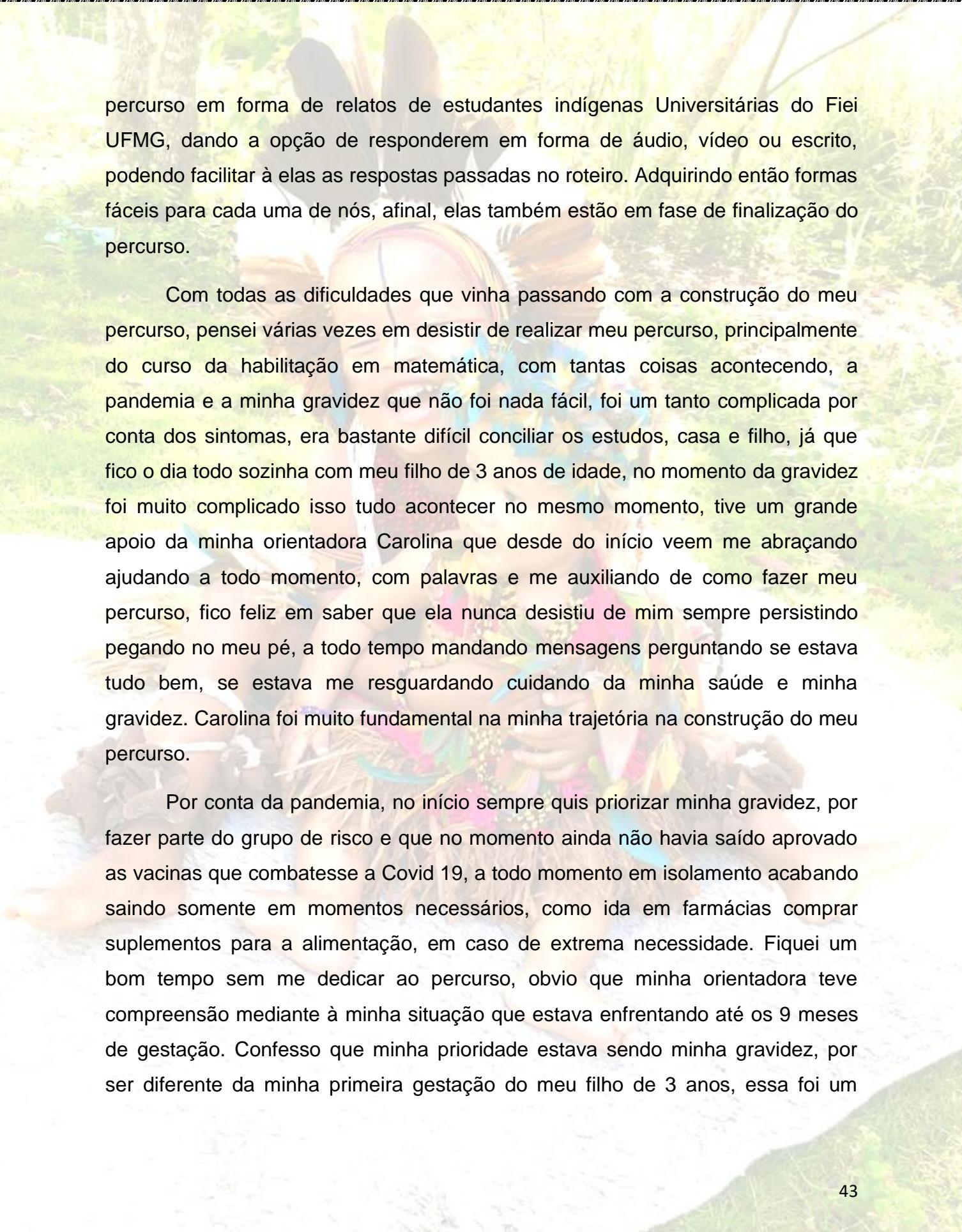
#### 4.5. TRAJETÓRIA DE ADRIELE ALVES DA ROCHA



Meu nome é Adrielle Alves da Rocha, tenho 22 anos de idade sou da aldeia Córrego indígena da Cassiana no município de Porto Seguro Bahia. Sou Pataxó., mas atualmente estou residindo na aldeia Trevo do Parque Mitxê juntamente com minha família, meu esposo e meu primogênito, e estou grávida de 24 semanas de gestação (6 meses) da minha caçulinha e a data prevista para o parto é em 24 de setembro de 2022.

Quando se fala em percurso, na minha cabeça já pensava nos vários obstáculos que poderia enfrentar pela frente, mas, gravidez era uma das coisas que nunca imaginaria enfrentar principalmente em meio à uma pandemia que tirou muitas vidas mundo a fora. A Covid 19 é um vírus bastante letal que infelizmente também acabou chegando nas comunidades indígenas em todos os estados do Brasil, até mesmo em indígenas mais isolados, pensando em me resguardar, e resguardar a saúde das pessoas que fariam parte do meu percurso, tive dificuldades e mais dificuldades a serem vencidas, meu avô que era uma peça fundamental para a construção do meu percurso e minha formação acadêmica, mais com todos esses fatores a serem realizados futuramente.

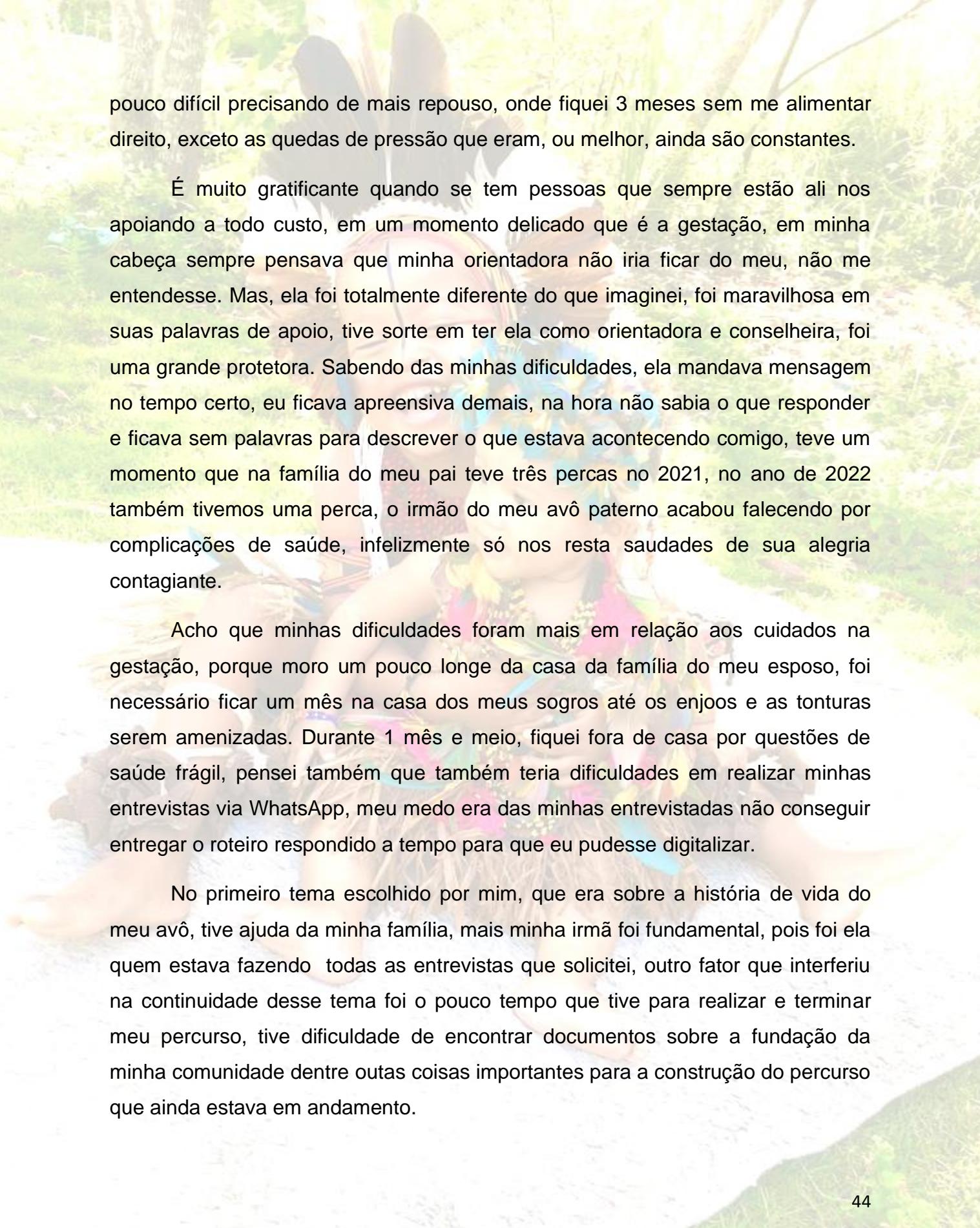
Para não sair prejudicada por conta da pandemia, uma das opções foi realizar minhas entrevistas via WhatsApp com as três meninas escolhidas para fazerem parte dos relatos que foram solicitados pela minha orientadora Carolina, assim, realizando um roteiro com 11 perguntas à serem respondidas por Estefânia, Léia e Ruriana onde escolhi as mesmas para fazerem parte do meu



percurso em forma de relatos de estudantes indígenas Universitárias do Fiei UFMG, dando a opção de responderem em forma de áudio, vídeo ou escrito, podendo facilitar à elas as respostas passadas no roteiro. Adquirindo então formas fáceis para cada uma de nós, afinal, elas também estão em fase de finalização do percurso.

Com todas as dificuldades que vinha passando com a construção do meu percurso, pensei várias vezes em desistir de realizar meu percurso, principalmente do curso da habilitação em matemática, com tantas coisas acontecendo, a pandemia e a minha gravidez que não foi nada fácil, foi um tanto complicada por conta dos sintomas, era bastante difícil conciliar os estudos, casa e filho, já que fico o dia todo sozinha com meu filho de 3 anos de idade, no momento da gravidez foi muito complicado isso tudo acontecer no mesmo momento, tive um grande apoio da minha orientadora Carolina que desde do início veem me abraçando ajudando a todo momento, com palavras e me auxiliando de como fazer meu percurso, fico feliz em saber que ela nunca desistiu de mim sempre persistindo pegando no meu pé, a todo tempo mandando mensagens perguntando se estava tudo bem, se estava me resguardando cuidando da minha saúde e minha gravidez. Carolina foi muito fundamental na minha trajetória na construção do meu percurso.

Por conta da pandemia, no início sempre quis priorizar minha gravidez, por fazer parte do grupo de risco e que no momento ainda não havia saído aprovado as vacinas que combatesse a Covid 19, a todo momento em isolamento acabando saindo somente em momentos necessários, como ida em farmácias comprar suplementos para a alimentação, em caso de extrema necessidade. Fiquei um bom tempo sem me dedicar ao percurso, obvio que minha orientadora teve compreensão mediante à minha situação que estava enfrentando até os 9 meses de gestação. Confesso que minha prioridade estava sendo minha gravidez, por ser diferente da minha primeira gestação do meu filho de 3 anos, essa foi um

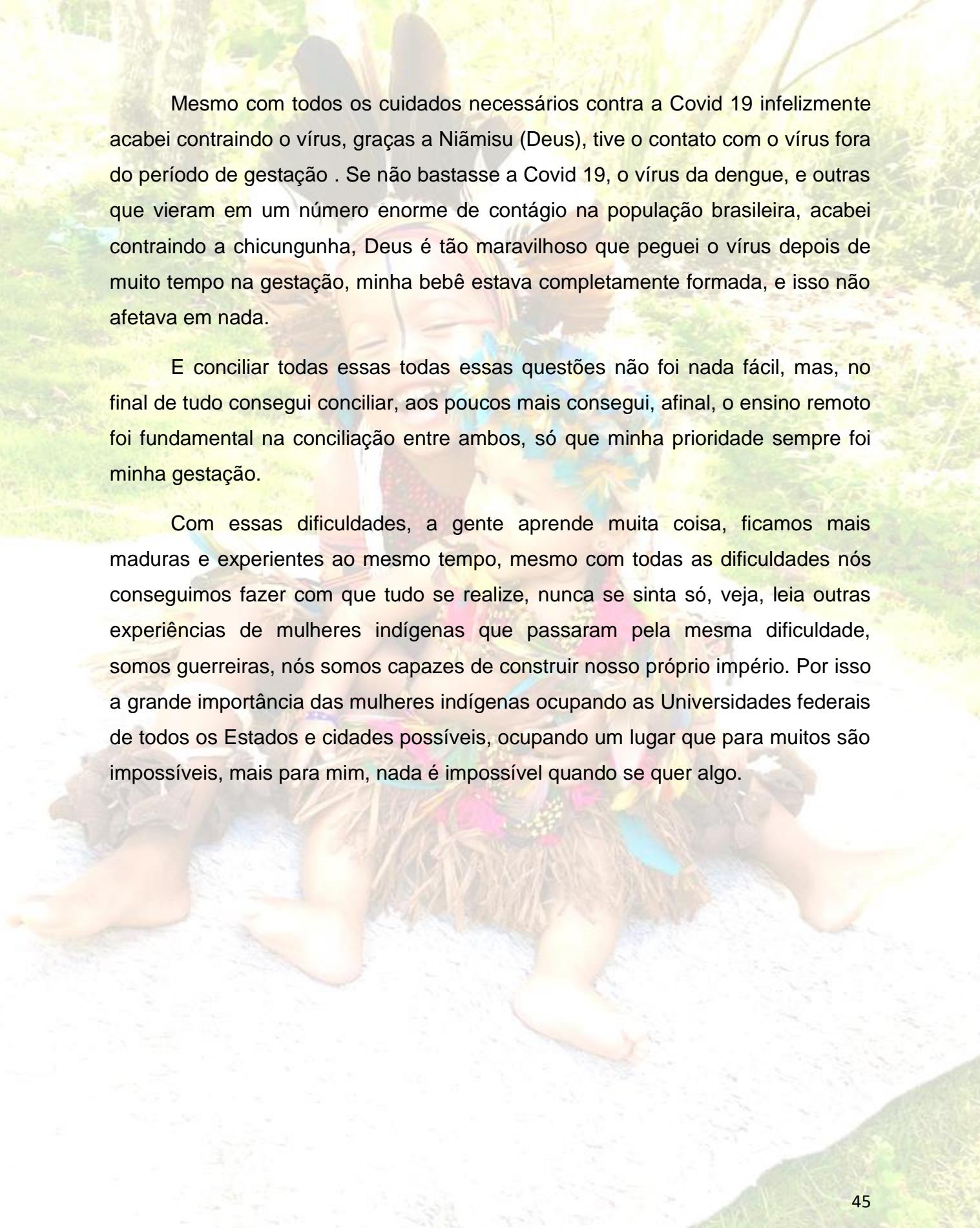


pouco difícil precisando de mais repouso, onde fiquei 3 meses sem me alimentar direito, exceto as quedas de pressão que eram, ou melhor, ainda são constantes.

É muito gratificante quando se tem pessoas que sempre estão ali nos apoia no todo custo, em um momento delicado que é a gestação, em minha cabeça sempre pensava que minha orientadora não iria ficar do meu, não me entendesse. Mas, ela foi totalmente diferente do que imaginei, foi maravilhosa em suas palavras de apoio, tive sorte em ter ela como orientadora e conselheira, foi uma grande protetora. Sabendo das minhas dificuldades, ela mandava mensagem no tempo certo, eu ficava apreensiva demais, na hora não sabia o que responder e ficava sem palavras para descrever o que estava acontecendo comigo, teve um momento que na família do meu pai teve três percas no 2021, no ano de 2022 também tivemos uma perca, o irmão do meu avô paterno acabou falecendo por complicações de saúde, infelizmente só nos resta saudades de sua alegria contagiatante.

Acho que minhas dificuldades foram mais em relação aos cuidados na gestação, porque moro um pouco longe da casa da família do meu esposo, foi necessário ficar um mês na casa dos meus sogros até os enjoos e as tonturas serem amenizadas. Durante 1 mês e meio, fiquei fora de casa por questões de saúde frágil, pensei também que também teria dificuldades em realizar minhas entrevistas via WhatsApp, meu medo era das minhas entrevistadas não conseguir entregar o roteiro respondido a tempo para que eu pudesse digitalizar.

No primeiro tema escolhido por mim, que era sobre a história de vida do meu avô, tive ajuda da minha família, mais minha irmã foi fundamental, pois foi ela quem estava fazendo todas as entrevistas que solicitei, outro fator que interferiu na continuidade desse tema foi o pouco tempo que tive para realizar e terminar meu percurso, tive dificuldade de encontrar documentos sobre a fundação da minha comunidade dentre outras coisas importantes para a construção do percurso que ainda estava em andamento.



Mesmo com todos os cuidados necessários contra a Covid 19 infelizmente acabei contraindo o vírus, graças a Niāmisu (Deus), tive o contato com o vírus fora do período de gestação . Se não bastasse a Covid 19, o vírus da dengue, e outras que vieram em um número enorme de contágio na população brasileira, acabei contraindo a chicungunha, Deus é tão maravilhoso que peguei o vírus depois de muito tempo na gestação, minha bebê estava completamente formada, e isso não afetava em nada.

E conciliar todas essas todas essas questões não foi nada fácil, mas, no final de tudo consegui conciliar, aos poucos mais consegui, afinal, o ensino remoto foi fundamental na conciliação entre ambos, só que minha prioridade sempre foi minha gestação.

Com essas dificuldades, a gente aprende muita coisa, ficamos mais maduras e experientes ao mesmo tempo, mesmo com todas as dificuldades nós conseguimos fazer com que tudo se realize, nunca se sinta só, veja, leia outras experiências de mulheres indígenas que passaram pela mesma dificuldade, somos guerreiras, nós somos capazes de construir nosso próprio império. Por isso a grande importância das mulheres indígenas ocupando as Universidades federais de todos os Estados e cidades possíveis, ocupando um lugar que para muitos são impossíveis, mais para mim, nada é impossível quando se quer algo.

## Capítulo V

### Fechamento

Falar sobre a importância e o aprendizado que tive durante a pesquisa, assim como nas entrevistas das meninas que tiveram o prazer de fazer parte de tudo isso é muito gratificante. Foi prazeroso saber que todas as quatro convidadas, para narrar suas histórias, mesmo tendo passado por tudo o que passaram na gestação, conciliando estudos e gravidez, conseguiram vencer todos os obstáculos durante todo esse processo.

E de uma coisa tenho certeza, valorizem as vozes das mulheres pesquisadoras em universidades ou faculdade, não sabemos o que passaram para conseguir suas conquistas, se passaram por barreiras ou não, isso não importa, só valorizam. Afinal, cada palavra escrita exigiu muito dela.

Percebi que não fui a única a enfrentar vários obstáculos para realizar meu percurso e seguir adiante para etapa final, tenho certeza que cada momento de fraqueza só foi um motivo para não desistir, nós mulheres indígenas devemos nos apoiar umas às outras, podendo trazer confiança e jamais pensar em desistir, a frase de Ruriana me fez refletir muito, pois me vi muito nela, e realmente vivi dias de luta e dias de glória, teve momentos onde brinquei com meu esposo em desistir de tudo, cuidei de mim e da minha saúde e família, teve momentos que só sabia chorar por não conseguir terminar meu percurso a tempo, e hoje posso sorrir e dizer que estou prestes a chegar a minha vitória e fazer minha história como aluna e pesquisadora da UFMG.

Durante o desenvolvimento das entrevistas eu aprendi que esta pesquisa serviria como forma de incentivar todas as mulheres indígenas que sonham em cursar uma universidade pública, mas, sempre colocando obstáculos em sua frente fazendo com que seus objetivos sejam menores e engrandecendo seu



maior obstáculo que é o medo de não conseguir almejar tudo aquilo que sempre quis conquistar. Muitas mulheres indígenas desistem por não ter uma rede de apoio, podendo então incentivá-las nos estudos. E, nesse período de pesquisas vimos se afetou bastante o psicológico de mulheres que precisavam de rede de apoio – na família, na aldeia- ainda percebemos que a universidade precisa construir uma rede de apoio maior, e a pandemia foi um dos fatores que surgiram uma dificuldade imensa para nós pesquisadoras. Então é preciso que contemos o que foi viver a *“Maternidade e o fazer pesquisa no meio da pandemia”*.

**“A MULHER INDÍGENA TEM DIAS DE LUTA E DIAS DE GLÓRIA  
ELA BRINCA, CUIDA, CHORA, SORRIR E FAZ SUA HISTÓRIA  
AFINAL SOMOS MULHERES INDÍGENAS PESQUISADORAS  
VIVA A UFMG, A FAE, O FIEI, NOSSOS PARENTES, PROFESSORES E  
PROFESSORAS.”**

**FRASE RURIANA PATAXÓ.**

**AWÊRY!!!**